Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



OLIVIA DE HAVILLAND
a linda estrêla da S. I. F., que vamos ver e admirar em «Robin dos Bosques»

2.ª SÉRIE — N.º 4 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 2 DE DEZEMBRO DE 1940 — PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

RÁDIO-FILMES

apresenta

«SOMBRAS DA RUA»

(Primrose Path)

Produção e direcção de
GREGORY LA CAVA

Adaptação da obra teatral do mesmo nome, de *Robert L. Buckner* e *Walter Hart*

Personagens:

Ellie May Adams . . .	GINGER ROGERS
Ed Wallace	JOEL McCREA
Mamie Adams.	MARJORIE RAMBEAU
Homer	MILES MANDER





Os dezassete anos de Ellie May (Ginger Rogers) *vicejam* em rua mal afamada duma cidade de província. O pai, Homer (Miles Mander), não teve fôrças para se medir com a vida e embriaga-se agora para explicar a sua incapacidade à família.

A mãi de Ellie é quem sustenta a casa; para tanto Mamie (Marjorie Rambeau) usa de recursos que a falta de recursos não chega para justificar. A pobre rapariga vai-se defendendo corajosamente das solicitações do meio, e foge do amor (?) como o diabo da cruz.

Ed Wallace (Joel Mc Crea), dono duma loja modesta, olha sempre a direito para Ellie, como é do agrado desta; forte amizade os vai unindo. Um dia Ed pensa que os amigos são para as ocasiões e, aproveitando uma ocasião propícia, de relance rouba um beijo à rapariga.







Ellie acha tão extraordinária a revelação do verdadeiro amor que o confessa a Ed. — «Por ti deixarei os meus!» E Ed casa com ela sem saber de que rocha escura brotou água tão pura. Como a vida agora decorre feliz! Até a loja parece ter mais freguesia.

O Ed é tão bom, tão leal... Por isso mesmo um pensamento ensombra o espírito da rapariga: a mentira sôbre que assenta a sua felicidade. E acaba por lhe contar tudo. Ed não perdoa a mentira e acha também amarga a verdade.

O rapaz luta consigo mesmo, procurando uma distracção de momento; Ellie luta por ela própria, não querendo voltar para o ambiente sombrio da rua mal afamada. O destino sorri-se, por se sentir mais forte do que os dois.







A rapariga, abandonada pelo marido, volta para casa no momento em que a mãi sente que vai morrer. Mamie suplica à filha que seja o amparo da família, e Ellie vê com horror abrir-se diante de si o mesmo caminho que a mãi trilhara.

A perspectiva não é realmente risonha. Aquela família é um torvelinho que acabará por arrastar a desencorajada Ellie. A lama da rua já lhe salpica os sapatos, a orla do seu vestido... Vem depressa, Ed!

Ed não podia desertar em momento tão crítico: tão bom, tão leal...

«Cheek to cheek», Ellie e Ed prefazem a condição essencial para se sentirem completamente felizes: — estarem convencidos disso.

(Texto de António de Carvalho Nunes)

2.ª série — N.º 4 — Prêço 1$50
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória: R. do Alecrim, 65. Tel. 2 9656. Composto e impresso nas Oficinas de O JORNAL DO COMÉRCIO E DAS COLÓNIAS, R. Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5. NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

2 de Dezembro de 1940
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50
Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Tel. P. A. B. X. 2 7507) — Lisboa

O grande realizador francês JEAN RENOIR está em Lisboa

Jean Renoir, um dos nomes mais famosos do cinema europeu, um dos chefes de fila cinema francês, encontra-se em Lisboa há alguns dias.

Jean Renoir constitue, com René Clair, Julien Duvivier e Jacques Feuder, aquilo a que podemos chamar o «Cartel» do cinema de França, equivalente ao que celebrizou os teatros de Paris dirigidos por Charles Dullin, Louis Jouvet, Gaston Baty e Jacques Copeau.

Mas o segundo filho do mestre de Limoges, o célebre pintor impressionista Renoir, distingue-se dos mais (como os mais se distinguem entre si) por uma personalidade fortíssima, que marca indelèvelmente todas as suas obras, da primeira à última.

Renoir entrou no cinema muito cedo, logo a seguir à guerra, atrás do movimento originado por Louis Delluc, e em que se revelaram Feyder, Léon Poirier e Marcel Lherbier. Durante a guerra fôra piloto aviador e, com o armistício, dedicara-se passageiramente à cerâmica, que ainda hoje o apaixona, como tudo o que directamente emanado do Homem, criado por êle, moldado por êle. Mas era no cinema que ia revelar-se a verdadeira vocação de Jean Renoir.

A Carreira de Renoir

«Catherine» e «La Fille de l'Eau» foram os seus dois primeiros filmes, ambos com Catherine Hessling, sua mulher, que depois seria também a intérprete de «La Petite Marchande d'Allumettes» (a vendedora de fósforos) um filme com reais merecimentos extraído dum conto de Andersen, e que o Central exibiu há uns onze anos. A sequência da cavalgada nas nuvens, quer pela «réussite» técnica, quer pela idea, ficou como uma das mais belas coisas do cinema da época. Seguiu-se-lhe «Nana», tirado de Zola, em que Jean Angelo e Werner Krauss contracenavam com Hessling, que foi uma Nana um tanto artificial.

«Le Bled» e «Le Tournoi dans la Cité» precederam «La Chienne», um filme realista, tratado com um tacto e um bom gôsto dignos de nota. Era uma obra de incontestável valor, que tinha ainda o mérito de revelar um grande actor: Michel Simon. «Boudu Sauvé des eaux», feito a seguir, e em que Jean Renoir aproveita de novo Michel Simon, no hirsuto e pitoresco Boudu, ao lado de Dita Parlo, é um outro trabalho seu felicíssimo. «La Nuit du Carrefour», filme policial extraído dum romance de Georges Simenon, vem depois.

Em «Madame Bovary» dava-nos Renoir, com mão de mestre, uma admirável pintura da época e do ambiente provincial em que decorria a existência torturada da mulher de Charles Bovary, deslocada num meio diferente do seu, e de que transposta para o cinema em toda

Valentine Tissier fizera uma verdadeira criação. «Toni», um filme de atemosfera diferente, passado no meio rude e simples da gente do campo, em que a natureza era



JEAN RENOIR
Visto por Teixeira Cabral

a sua grandiosidade e em todo o seu esplendor, não desmerece do talento do homem que faria «A Grande Ilusão».

«A Grande Ilusão»

O último filme de Renoir exibido em Portugal foi «A Fera Humana». Antes, dirigira uma «Marselheza» de circunstancia, que não passou nos «écrans» nacionais, como ainda também aconteceu à sua ultima realização, «La Règle du Jeu», manivelada já em plena guerra. Anterior a todos estes filmes é «A Grande Ilusão», a sua maior obra, que vimos há uns três anos no Tivoli. A sua maior obra e, sem dúvida, uma das maiores obras do cinema francês, pela «seriedade» e propriedade da encenação, reveladas na justa composição dos ambientes, na sobriedade exemplar dos diálogos, no perfeito desenho das figuras — e pela forma nobre, pertinente e objectiva por que tratara o binómio político-social do seu argumento, os seus dois grandes temas fundamentais: a rivalidade francesa e a diferença de classes. Em «A Grande Ilusão», Jean Renoir teve o enorme prazer de dirigir o seu grande amigo Eric Von Ströheim — prazer tanto maior quanto é facto que pôde e soube proporcionar-lhe uma espantosa criação na figura do oficial prussiano, composta com tanta exactidão e tamanha humanidade que suscitou o entusiasmo sincero e comovido de Goering. Eric Von Ströheim, aliás, não é para Renoir apenas um amigo querido e um intérprete admirável.

O mestre: Eric von Stroheim

O grande realizador francês manifestou-nos a sua admiração por Von Ströheim duma forma de tal modo eloquente que, para nós, isso bastou para definir o seu carácter. Temos a faculdade de admirar por uma das mais nobres que foi concedida aos homens.

— Ströheim, disse-nos Renoir, é o maior de todos, o mestre incontestável. Todos nós lhe devemos alguma coisa. A forma actual de Lubitsch emana directamente do realizador dêsse espantoso «Greed». O próprio Chaplin modificou o seu estilo sob a influência de Ströheim. Já sem falar dos que se limitaram a imitá-lo tranquilamente, como Sternberg.

«A saída de Ströheim de Hollywood é uma das ingratidões mais graves que a história do cinema regista. Os seus excessos, as suas «primeiras montagens» em trinta e duas bobines (como sucedeu com «A Marcha Nupcial», aproveitavam demais a todos para que não valesse a pena suportar-lhes as despesas. Seria um nobre gesto reconduzi-lo aos estúdios que tanto lucraram, sob o ponto de vista artístico, com a sua presença».

«A Regra do Jôgo»

O último filme realizado em França por Renoir foi, como dissemos, «La Règle du Jeu».

A produção dêsse filme foi feita em cooperativa, isto é: com todos os colaboradores interessados nos lucros do filme

Isto provocou, como não podia deixar de ser, uma reacção dos produtores-capitalistas. E a crítica (que, ao que parece, não podia passar sem êles...) foi unânime em desancar uma obra que não vimos e que, portanto, nos não atrevemos a julgar, mas que tinha, pelo menos, o mérito corajoso de romper com a tradição mórbida que empestava ultimamente o cinema francês.

Mas Renoir prefere seguir lealmente — a «regra do jôgo», do jôgo cinematográfico em que todos os verdadeiros profissionais como êle arriscam constantemente a carreira, se se empenham em saír fora dos moldes estritamente comerciais que, em quási toda a parte, regem sem apêlo a arte cinematográfica.

Futuro do Cinema Francês

Renoir confia no futuro do Cinema Fracês. Descreve-nos carinhosamente os projectos de que falamos já em «Animatógrafo» e a futura Cidade Cinematográfica, de que Marcel Pagnol é o grande animador.

E diz-nos a sua confiança na orientação que o govêrno do Marechal Pétain tenciona dar à cinematografia francesa.

Renoir na «Cine Citta»

O inovador ousado da «Vendedeira de Fósforos» procurou dar realidade a um projecto que de há muito acalentava — a realização de «Tosca». Não se julgue, porém, que seria a transposição servil para o cinema da ópera de Puccini. Re-



JEAN RENOIR jantou em casa do director de «Animatógrafo» no dia seguinte ao da sua chegada. Esta fotografia foi tirada nessa ocasião.

JEAN RENOIR ACREDITA NO CINEMA LATINO

noir detesta suficientemente Puccini para que tal se pudesse dar. Pretendia, antes, aproveitar a peça de Victorien Sardou para fazer dela um filme de carácter nítidamente policial, em que o convencionalismo exagerado da ópera fôsse substituído por uma acção movimentada e emocionante.

E para isso o animador talentoso de «Grande Ilusão» partiu para Itália, onde, na Ciné-Citta, o filme devia ser realizado.

As possibilidades dessa magnífica organização, autêntica fábrica de filmes, construída e apetrechada segundo os mais recentes aperfeiçoamentos técnicos constituíam o meio óptimo para êsse empreendimento.

Contudo circunstancias fortuitas e depois a guerra, impediram que o filme fôsse realizado.

A presença de Renoir em Roma, dada a sua categoria no panorama cinematográfico europeu, serviu de pretexto para um honroso convite do Centro Experimental de Cinematografia, a que o ministro da Cultura Nacional, Pavolini, dedica um carinho e um interêsse muito especiais. E com aquela autoridade que todos lhe reconhecem, o encenador de «Fera Humana» realizou uma série brilhante de conferências.

Renoir vai para Hollywood

O realizador de «La Chienne» vai para Hollywood. Não tem ainda contrato com qualquer firma. O seu agente de Nova York aguarda-o com impaciência, confiado no êxito que alcançou «A Grande Ilusão» nos Estados Unidos. A bordo do «Clipper», ou do «Excalibur», ou talvez do «Serpa Pinto», Renoir estará na América antes do fim do ano.

Projectos? Não os tem. Gostaria, no entanto, de fazer um filme muito diferente de todos os que tem feito — mas que fôsse, como todos os seus outros filmes, eminentemente francês.

O Cinema Português

Renoir interessa-se por tudo o que se prende com o cinema. De passagem em Lisboa, vindo de Tanger (donde chegou, também, no sábado, a sua secretária Dido Freire, que é brasileira), logo procurou estabelecer contacto com o cinema português.

No dia seguinte à sua chegada encontramo-lo fechado numa sala de projecção, a vêr fitas portuguesas.

O primeiro que viu foi o documentário «A Aldeia mais Portuguesa de Portugal», produzido pela SPAC para o Secretariado da Propaganda Nacional. E a impressão que recebeu foi, segundo nos disse, a mais lisonjeira para nós.

— O maior, senão o único título de glória da nossa arte, declarou-nos, é a autenticidade. Ora as «Aldeias» dão-nos uma impressão de autenticidade que raras vezes se vê respeitada pela fantasia dos encenadores, operadores e montadores de filmes. Além disso, a beleza, desconhecida para mim (embora meu irmão Pierre me falasse muita vez do vosso País, de que guarda uma recordação gratíssima, desde que veio a Lisboa como actor da companhia de Gabriel Signoret), das vossas paisagens, dos vossos trajos, da vossa arquitectura rústica, dão ao filme um sabôr e um interêsse que o torna projectável em toda a parte.

«Porque entendo que a melhor forma de fazer filmes «internacionais» é respeitar escrupulosamente os caracteres da nacionalidade que os produz».

Na Tobis e na Lisboa-Filme

O realizador da «Grande Ilusão» visitou, ciceronado por «Animatógrafo», o laboratório da Lisboa-Filme e o estúdio da Tobis. Não escondeu o seu pasmo por encontrar em Lisboa um laboratório tão bem instalado e apetrechado. O estúdio pareceu-lhe perfeitamente apto a produzir filmes de categoria.

— Aliás, já fui ver alguns aos cinemas de reprise, que me impressionaram vivamente. O cinema português tem características próprias, que o tornam sumamente interessante para mim.

Por um Cinema Latino

Mas a declaração mais interessante que obtivemos de Jean Renoir foi a sua confiança na existência dum Cinema Latino, capaz de contrabalançar, na Europa, a escola americana.

— Não digo que o possa fazer sob o ponto de vista económico. Mas poderá com certeza fazê-lo sob o ponto de vista puramente artístico.

«Acredite: o Cinema Latino pode ser um facto».

JOSEPHINE BAKER e JEAN MURAT também chegaram a Lisboa

Vinda de França, chegou a Lisboa e está hospedada no Aviz Hotel a célebre Josephine Baker, flor exótica que Paris roubou à Revue Nègre *americana, em 1927, e que nunca mais consentiu em abandonar, até que a guerra a exilou, como a tantos, da cidade dos seus amores.*

J'ai deux amours...
Le premier c'est Paris!

Vindo da América do Sul, onde foi em viagem oficial de propaganda do cinema francês, também se encontra na nossa capital e no Avenida Palace, o actor francês Jean Murat, que é inútil apresentar aos nossos leitores.

Josephine e Murat são dois grandes amigos de Portugal. A primeira conhece-nos principalmente através do Brasil, que adora, e para onde se dirigia, se um contrato imprevisto a não forçasse a regressar à sua França. O segundo não pode esquecer que foi em Portugal que trabalhou no cinema pela primeira vez (na Fonte dos Amores *e nos* Olhos da Alma, *de Virgínia Castro e Almeida), e que nas suas viagens anteriores tem sido recebido como «pessoa da casa».*

Na impossibilidade de se ocupar dêles neste número com o desenvolvimento que merecem artistas de tal categoria, «Animatógrafo» limita-se a saüdá-los, anunciando para o próximo número dois artigos de sensação.

Uma festa no SÃO LUIZ e uma sessão solene no SINDICATO dos Profissionais de Cinema em honra de JEAN RENOIR

«Animatógrafo» vai promover, de colaboração com a emprêsa do S. Luiz e com a Direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, uma festa em honra de Jean Renoir.

Nessa festa — uma «matinée» — será exibido o filme «A GRANDE ILUSÃO», de Renoir. O realizador dêsse extraordinário filme será apresentado pelo director de «Animatógrafo»; e êle próprio fará uma conferência.

Todos os inscritos no «Clube do Animatógrafo» receberão em casa, pelo correio, os bilhetes para a 1.ª FESTA de «Animatógrafo», que se realiza no SÃO LUIZ, às 16 horas da próxima SEXTA-FEIRA, 6 DE DEZEMBRO

Damos assim a primeira das surprezas que prometemos aos inscritos do nosso «Clube», que reunirá todos os cinéfilos da «Velha Guarda»..

Todos os leitores de «Animatógrafo» que se apresentarem na nossa redacção, rua do Alecrim, 65, sobre-loja, até às 19 horas de Quinta-feira, 5 de Dezembro, levando consigo OS QUATRO PRIMEIROS NÚMEROS, receberão um bilhete para a festa do SÃO LUIZ, em que falarão JEAN RENOIR e ANTÓNIO LOPES RIBEIRO e será exibida «A GRANDE ILUSÃO»

FACULDADES...



— Mas parece-lhe que sua filha tem faculdades para o cinema?
— As pernas, pelo menos...

PANORAMICA

«Felipe Venturoso»

Alguém, que se oculta sob o pseudónimo de «Felipe Venturoso», escreveu ao director do «Diário de Lisboa» uma carta a propósito de «Ninotchka». Pelo alto quilate do estilo e do raciocínio, pela elevação e limpidez do espírito, essa carta e o seu misterioso signatário chamaram a atenção dos cinéfilos leitores do grande jornal da tarde — e, portanto a nossa. O director de «Animatógrafo» escreveu uma carta ao sr. dr. Joaquim Manso, que logo foi gentilmente publicada, em que, a par de manifestar-lhe o júbilo das gentes do filme por ver um jornal diário ocupar-se de cinema «no sentido da profundidade», lhe rogava o obséquio de estabelecer contacto entre nós e «Felipe Venturoso», pois muito interessam ao nosso jornal colaboradores de tal valia.

«Felipe Venturoso» não se fêz rogar, pois que disso o impediam a sua admiração pelo cinema, como arte e espectáculo social por excelência. A promessa da sua colaboração desvanece-nos. E ficamos aguardando, impacientes, que honre as nossas páginas com o seu primeiro artigo.

A Página dos «Novos»

O espaço de «Animatógrafo» não chega para as encomendas... que a nós próprios fizemos, ao dispor-nos a acolher todos os «novos» que quizessem ocupar-se, por escrito, de assuntos cinematográficos.

Não nos enganávamos, supondo que haveria quem tivesse condições para o fazer — e estivesse disposto a fazê-lo. Temos sôbre a secretária muitos artigos, de valor desigual, mas todos êles animados pela mesma vontade de servir, com pena e papel, a arte cinematográfica. Todos nos pedem conselhos e que lhes digamos, no jornal, se os artigos serão ou não publicados.

E-nos, infelizmente, impossível escrever a cada um em pessoa, como desejaríamos. Resolvemos porém inaugurar, no próximo número, uma página a que chamaremos «A Página dos Novos», e em que publicaremos os artigos que o merecerem. E a todos os que nos enviarem colaboração para ela, responderemos numa secção especial dessa mesma página, intitulada «O Correio dos Novos».

Esperemos que esta nossa idéia, que vai de encontro a diversas sugestões que nos foram feitas, combinando-as pela forma que julgamos melhor, tenha o aplauso dos nossos leitores.

Cultura cinematográfica

Um médico nortenho, numa carta interessantíssima que nos escreve, e de que teremos ocasião de voltar a ocupar-nos, pede-nos para ministrar principalmente em «Animatógrafo», aquilo a que chamamos, na «Imagem» e no «Diário de Lisboa», onde publicámos secções com êsse título, — «Cultura Cinematográfica».

Julgamos ser isso o que temos feito até aqui. E continuaremos a fazê-lo, não numa página especial, mas em tôdas as páginas de que dispomos, *inclusivamente nas próprias páginas de publicidade*. Se alguma cousa há de original no plano de «Animatógrafo», supomos ser exactamente essa unidade, que vai do fundo às secções humorísticas, da legenda da capa aos próprios anúncios. Em tudo procuramos informar melhor, esclarecer, interessar mais o leitor pelas cousas do cinema e pelos seus obreiros. Porque, ao contrário do que afirmam os «superficialistas», para amar uma cousa com vantagem é indispensável conhecê-la bem.

O falso alarme de Charlot & Esposa

Foi verdadeiramente pitoresca, aquela tarde de sexta-feira, passada em Cabo Ruivo, à espera do sr. Charles Chaplin e da sr.ª Goddard. Estiveram presentes todos os jornais e, entre êles, firme no seu pôsto, como não podia deixar de ser — «Animatógrafo», representado pelo director e por nada menos de quatro redactores e um fotógrafo! O nosso director empunhava um enorme ramo de cravos, que se destinava à protagonista de «Tempos Modernos», hoje Mistress Chaplin. Além dos jornalistas, empresários de cinema, distribuidores de filmes, actores, operadores cinematográficos. Experimentavam-se obturadores, estudavam-se ângulos; praticava-se mentalmente inglês; corria o nervosismo dos grandes momentos. Não havia dúvida: Charlot & Espôsa teriam em Lisboa uma recepção condigna.

Um primeiro quadrimotor da Pan American, que prevenira gentilmente os jornalistas da chegada dos dois «astros», poisou suavemente no Tejo. Era ali que vinha o sr. Chaplin. Não, informaram-nos: naquele vinha a sr.ª Goddard. O sr. Chaplin chegaria no hidro-avião seguinte, esperado uma hora depois.

Todos os olhares se voltaram para o pontão de madeira. O director de «Animatógrafo» espetou o ramo... E chegou a sr.ª Goddard!

Mas... não era *Paulette* Goddard. Era uma simpática senhora, chamada *Irene* Goddard, que nem sequer é prima da sensata rival de Rosalind Russell em «Mulheres».

Paciência. Esperar-se-ia pela outra metade do casal, a mais imponente: o sr. Charles Chaplin.

Chegou o segundo quadrimotor. Já era ao lusco-fusco. Encarquilharam-se bem os olhos. E chegou o sr. Charles Chaplin!

Mas... não era Charlot. Era um sujeito novo, magro, alto, com um casacão muito curto, óculos à Harold, um ar muito mais cómico que o de Charlot quando está *à paisana!*

Todos os presentes soltaram uma gargalhada. Tão estranha série de coincidências atingia proporções fantasmagóricas, que compensavam a desilusão.

E o sr. *Charles Chaplin*, que assim se chama, de facto, o viajante dizia-nos, sorrindo:

— Acontece-me isto muita vez... E' pena que eu não seja Charlot, lá isso é...

Voltámos de Cabo Ruivo, naquela tarde de sexta-feira, com a consciência do dever cumprido.

Porque nós — cumprimos o nosso dever.

Os acontecimentos é que não cumpriram o seu.

A mobilização da «VELHA GUARDA»

Não tenho por costume hesitar no lançamento duma iniciativa, sempre que dela possa resultar qualquer vantagem para o cinema. Não receio o ridículo. O mêdo ao ridículo é o pudor dos fracos. Não hesitei portanto ao lançar a idea do «Clube do Animatógrafo», Clube de Cinéfilos que se não envergonhassem de se apresentar como tal, de proclamar pùblicamente o seu amor à arte que nos prende.

O que nunca supuz é que a idea tivesse tão imediata e tão completa aceitação. Julguei que fôsse necessário tôda uma longa série de artigos, tôda uma série de promessas hábeis, de «iscas» onde mordesse o peixe que almejávamos...

Pois no próprio dia em que foi publicado o nosso primeiro artigo, preguntando onde estavam os cinéfilos de há dez anos, duas dezenas de postais e cartas nos trouxeram a consoladora certeza de que, hoje como ontem, não combatíamos sòzinhos. E no dia seguinte vieram mais. E no outro dia, e no outro e todos os dias.

Tão interessantes se nos afiguram os termos em que essas adesões espontâneas nos foram comunicadas, que estamos organizando, na impossibilidade de as transcrever a tôdas, uma página em que figurem, ao lado dos cem primeiros nomes, os trechos mais significativos, respigados no volumoso correio do Clube.

Mais extraordinário ainda que o seu número é o facto de todos, sem excepção, terem compreendido o intuito do nosso chamamento. Nenhum nos pede nada, nem pregunta nada, nem alvitra coisa alguma. Apresenta-se, como um soldado, disposto a aguardar disciplinadamente o momento de agir. E agir, neste caso, é aparecer, é acorrer em todos os momentos e a todos os lugares onde «Animatógrafo» julgar a sua presença útil ao cinema. E' uma autêntica «mobilização» — a mobilização da «Velha Guarda» cinéfila.

Obrigado, pela confiança que tiveram em nós, e que manifestaram de forma tão simples e, por isso mesmo, tão tocante!

Como podem ver na 2.ª página, o «Clube do Animatógrafo» não tardou em dar sinais de vida. Já organizou uma festa — a sua primeira festa — no São Luiz, que João Ramos, cinéfilo dos melhores, prontamente e muito gentilmente, pôs à disposição do nosso «Clube». Nela teremos o prazer de ouvir Jean Renoir, o cineasta francês que seria uma afronta apresentar a cinéfilos. E eu próprio terei a suprema honra — e o supremo atrevimento... — de vo-lo apresentar.

E' claro que os inscritos nestes escassos sete dias não chegam ainda para encher a magnífica sala da Rua António Maria Cardoso. Por isso convidamos também os cinéfilos mais novos, leitores de «Animatógrafo», e aqueles que, sendo «velhos» ainda não tiveram tempo ou coragem para se inscrever. Mas os inscritos do «Clube» receberão os bilhetes em casa, pelo correio, prémio merecido do seu cinefilismo.

Contamos com todos êles para a festa de sexta-feira próxima, no São Luiz. Temos a certeza de que lá estarão.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

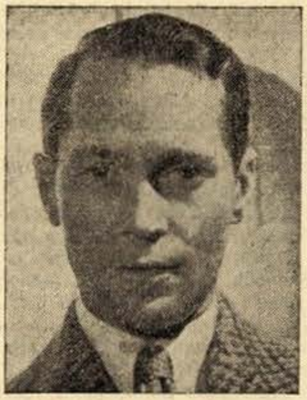
FRANCHOT TONE regressa à Califórnia

Franchot Tone não se deu bem em Hollywood, por razões que não foram nunca perfeitamente esclarecidas. Uns atribuíram isso ao facto dos produtores lhe terem dado, sobretudo nos últimos tempos do seu contrato, papéis em filmes que não estavam não só à altura de sua categoria, como dificilmente se adaptavam à sua personalidade de actor.

Outros, porém relacionaram o caso com o ambiente social especialíssimo de Hollywood, que muito contribuíra para o seu divórcio de Joan Crawford, a quem, é inegável, dispensava verdadeira amizade e veneração.

O que é facto é que certo dia Franchot Tone desertou da Califórnia, trocando os estúdios de Hollywood pelos palcos acolhedores de Nova York, onde fêz, com enorme êxito, algumas temporadas. Por exemplo «Fifth Column», peça de Ernest Hemingway, sôbre a guerra de Espanha, foi um triunfo.

Agora, porém, quer fôssem as saüdades do sol acariciador da costa do Pacífico, ou a atracção aliciante dum óptimo contrato, o que é facto é que o filho pródigo voltou. Franchot Tone está já em Hollywood, contratado pela Universal, onde vai interpretar um filme produzido por Joe Pasternack. Intitula-se **The Vigilante**, e tal como outros dois filmes daquela companhia — «A Cidade Turbulenta» de Marlène Dietrich e «When the Daltons Rode», com Broderick Crawford e Mischa Auer — decorre nas pradarias sem fim e nos montes agrestes do oeste americano.



FRANCHOT TONE

O novo filme de CLAUDETTE

Claudette Colbert é uma das mais sensíveis e talentosas actrizes do cinema americano, cujas criações marcam pela sinceridade e humanidade com que foram vividas.

Por isso mesmo é também uma das mais procuradas artistas do filme americano. Agora, em face do êxito alcançado pelo filme da Metro «Boom Town» foi ela escolhida para primeira figura de **Some Day I'll Find You**, onde aparecerão Spencer Tracy, Clark Gable e Hedy Lamarr que foram também os intérpretes daquele outro filme.

O argumento de «Algum dia havemos de nos encontrar» conta-nos as aventuras de dois correspondentes de guerra americanos — Spencer Tracy e Clark Gable — em serviço na Europa, e que acompanham os acontecimentos de que o Velho Mundo tem sido testemunha, desde a declaração de guerra até à ocupação de Paris pelo exército alemão, fazendo Claudette Colbert e Hedy Lamarr os seus companheiros inseparáveis.

A título de curiosidade dizemos que aquele argumento custou à Metro Goldwyn Mayer a modesta soma de 45 mil dólares, ou seja, na nossa moeda qualquer cousa como mil e cem contos!

AS ESTRÊLAS fazem economias

As vedetas americanas de grande categoria, com ordenados que alcançam por vezes somas fabulosas, vivendo rodeadas dum luxo e duma comodidade verdadeiramente asiáticas — de que é exemplo frizante Claudette Colbert, que foi no ano de 1939 a estrêla que mais dinheiro recebeu — viram-se êste ano obrigadas a diminuir o seu nível de vida, a baixar dos seus palácios das mil e uma noites para os ambientes vulgares de qualquer mortal.

Foram os impostos de rendimento, os famosos «income-tax», êste ano consideràvelmente aumentados, os causadores dessa transformação radical.

Esses impostos atingem, segundo cálculos estabelecidos, cêrca de três quartas partes das importâncias dos ordenados!

Este acontecimento veio estabelecer o pânico nas hostes ricas de Hollywood. Não mais mansões rivalizando com os opulentos castelos feudais; não mais multidões de servidores. Nada de jardins aparatosos nem piscinas milionárias. Acabaram-se as colecções de automóveis!

Um exemplo frizante: Harold Lloyd, considerado o mais rico homem do cinema — com uma fortuna avaliada em perto de seis milhões de dólares — vai deixar o seu famoso palácio, avaliado em três milhões de dólares os seus sessenta e cinco servidores, os seus jardins de sonho, para se instalar em bem mais modestos domínios, num «bungalow» de Beverly Hills!

COISAS INDISCRETAS

LONGE DA VISTA...

Alice Faye divorciou-se há poucos meses, por incompatibilidade de génios, de Toni Martin, acontecimento que causou verdadeira admiração, por inesperado, em Hollywood, pois era um casal que parecia viver na mais doce lua de mel.

Ora há pouco, quando com algumas pessoas amigas Alice jantava no Cyro's, um telefonema transcontinental chamava-a. Quando voltou vinha sorridente e contentíssima. O telefonema era de Tony, que está actuando num teatro de Broadway, e diàriamente telefona à loura e aliciante Faye.

São assim, os divórcios em Hollywood...

JUDY GARLAND QUERE CASAR

A simpática e insinuante Judy Garland aparece agora em tôda a parte acompanhada de Mrs. Garland, sua mãe, e de Dave Rose, ex-marido de Martha Raye. Não há café nem restaurante, do Lamaze ao Ching Howe, onde o trio não faça a sua aparição.

Mas a Metro Goldwyn Mayer está por seu lado fazendo todo o possível para que as relações acabem, pois receia que a companhia de Rose, mais velho que Garland quinze anos, e para mais divorciado, possa prejudicar a carreira de Judy, por poder contribuir para a destruição, no espírito do público, da feição infantil das personagens que ela vive no cinema.

O MERCADO DO AMOR

OS ÚLTIMOS CASAMENTOS

Sonja Hennie e Dan Topping, um senhor que não pertence ao meio cinematográfico.

—Loretta Young com Tom Lewis, personalidade de destaque da rádio americana. Loretta, que fôra casada já em 1931, com Grant Whiters tem 27 anos e o noivo 38.

OS MAIS RECENTES DIVÓRCIOS

Lana Turner, a estrelinha da Metro Goldwyn Mayer, encarregou o advogado Richard Cautillon de pedir em Reno o divórcio de Artie Shaw, chefe de orquestra de Jazz, com quem se casara há três meses.

UM NASCIMENTO

Nasceu uma filhinha a Anne Shirley e John Payne, o galã de «Estrêla Luminosa».

Os lábios azuis de Paulette Goddard

Paulette Goddart, a perturbante esposa de Charlie Chaplin, cujo real talento e peregrina beleza podem ser admirados no filme que o Eden agora exibe — «Mulheres» — acaba de lançar uma moda absolutamente imprevista, que está fazendo tanto furor em Hollywood, com que foram acolhidos há alguns anos, os primeiros cabelos loiros platinados. Trata-se dum «baton» azul para os lábios, a que foi posto o nome incongruente de «Canadian Evening» — tarde canadiense.

Que mais virá, depois dos lábios — e dos beijos — azues!

A PARAMOUNT vai reeditar as suas obras-primas

O problema dos complementos de programas, os «shorts», como é uso chamarem-se-lhe, é um dos mais difíceis e complicados de resolver, dada a dificuldade de uma produção cuidada, por dispendiosa, a qual não encontra um compensador rendimento comercial. Daí o serem poucas as companhias americanas que se dedicam à produção dos filmes de curta metragem, que são, aliás, elementos indispensáveis na composição dos programas.

Para até certo ponto obviar a êsse inconveniente, resolveu a Paramount, para servirem de complementos aos seus filmes de fundo, reeditar alguns dos seus grandes êxitos, mas em versões condensadas em 4 ou 5 partes, formadas pelas passagens de maior interêsse e cuidado técnico, ligadas por legendas explicativas de forma a que o argumento possa perfeitamente ser seguido pelo espectador.

O primeiro filme que a Paramount vai sujeitar a uma tal operação é «Love me Tonight», realizado em 1932 e interpretado por Maurice Chevalier, Jeanette Mac Donald e Myrna Loy.

A idea, embora discutível, sob o ponto de vista da integridade artística duma obra, permite no entanto que sejam oferecidos de novo ao público filmes de êxito que de outra forma seria impossível tornar a ver.

A «Ama-me esta Noite» vão seguir-se outros títulos famosos como sejam «Ladrões de Alcova», de Lubitsch, com Herbert Marshall e Kay Francis, «Ruas da Cidade» de George Cuckor com Gary Cooper e Silvia Sidney, «Parada do Amor» de Lubitsch também com Chevalier e Jeanette Mac Donald, «Lanceiros da Índia» com Gary Cooper e Franchot Tone, «Uma Hora Contigo» de Chevalier, etc.

FITAS NA FORJA

- **You'll Find Out** com o chefe de orquestra Kay Kyser, Peter Lorre, Boris Karloff, Bella Lugosi, Helen Parrish, Dennis O'Keefe, Alma Kruger. Dirigido por David Butler. R. K. O. (Rádio Filmes).
- **Cherokee Strip** com Richard Dix, Florence Rice, William Henry, Victor Jory. Dirigido por Lesley Selander. Paramount.
- **The Topper Returns** com Roland Young, Billie Burke, Marjorie Woodworth. Realização de Roy Del Ruth. Hal Roack. (Sonoro Filme).

CINEMA PORTUGUÊS

O Cinema pode ser o nosso melhor índice de cultura

ADOLFO COELHO, encenador de «Pôrto de Abrigo», o novo filme português produzido pela Lisboa Filme, expõe neste artigo as suas ideas pessoais sôbre o cinema e, em particular, sôbre o CINEMA PORTUGUÊS

Se é uso avaliar-se o estado de adiantamento de um povo pelo total de quilos de papel de impressão gasto anualmente, não seria menos significativo medi-lo em bobines de filme produzido e projectado, pois no plano cultural a positivadora corre parelhas com a «linotype». E hoje indubitável que aos dois velhos processos de transmissão de ideas, a linguagem falada e a linguagem escrita, se juntou um terceiro: a linguagem cinematográfica, e quando escrevemos «linguagem» não queremos referirmo-nos ao «cinema sonoro» mas sim àquela expressão por meio de imagens sucessivas que é a base do cinema; assim como o aluno na escola teve de aprender os valores das letras, as regras da sua ligação em sílabas e mais adiante a sua aglomeração em palavras, também houve da parte das últimas gerações uma aprendizagem das regras e do sistema de valores do cinema, assim é compreendido por tôda a gente que «fondu» representa uma passagem de tempo, uma transição de assunto, que um «encadeado» traduz um abreviar de operação, uma simultaneidade de sentimentos, etc.; numa palavra, temos já uma cartilha da expressão cinematográfica, como temos uma cartilha para a escrita e a leitura.

E' por esta sua universalidade que o cinema representa bastante mais do que uma modalidade de espectáculo, embora isto possa surpreender os «cinéfilos» que apenas admiram as habilidades de uma Greta Garbo ou de um Charles Boyer; o cinema como sistema de «linguagem», como veículo de transmissões de ideas, é um instrumento que interessa à cultura da nação tal como a rêde das escolas primárias, o alargamento dos liceus ou a criação de uma universidade.

Perante o cinema, não há países pequenos ou grandes, não há países ricos ou pobres, há sòmente países incultos e países cultos.

Portugal que procura afanosamente erguer o seu nível cultural, banindo de vez o seu trágico analfabetismo, tem que fazer cinema, como tem que abrir mais postos de ensino, como tem de editar mais compêndios de leitura; e porque o cinema é mais directo e mais rápido do que a letra impressa, êle pode ser desde já para a massa dos iletrados o veículo da cultura, a deslumbrante lição de coisas e de ideas, susceptível de os integrar no seu verdadeiro papel social, arrancando-os à sua triste condição de ilotas do espírito.

Portugal pode e deve fazer, desde já, cinema cultural, editar em pequenos filmes os diversos compêndios da instrução primária: a história da pátria, a sua corografia, os seus usos, os seus costumes, a sua arquitectura, as suas riquezas agrícolas, industriais, mineiras, etc. Pode também ensinar o que são os assombrosos valores do nosso império colonial... perdão, neste capítulo, passamos já do terreno da hipótese para o da realidade pois que António Lopes Ribeiro está modelando presentemente uma série de preciosas culturais colhidas através da nossa África. São ainda do domínio da realidade as produções do S. P. N. e a modesta contribuição do Ministério da Agricultura, mas falta o grande impulso que terá de ser dado pelo Ministério da Educação Nacional, apetrechando as escolas com aparelhos de projecção, estabelecendo o plano da produção cultural e subsidiando rasgadamente as iniciativas criadoras.

E não venham dizer-nos que somos um país pequeno, que os escassos sete milhões... porque no dia em que dispuzermos de uma sólida cinematica cultural, depois de ela ter produzido o seu efeito benéfico no continente, terá como vastíssimo campo de semeadura o império colonial português, essas dezenas de milhões de portugueses de côr, a todos os quais ainda não chegou a palavra civilizadora dos missionários e dos pioneiros, e que aguardam como um terreno virgem e sequioso a mensagem aglutinante do espírito nacional.

Mas dirão os cinéfilos 100 %, e o cinema espectáculo, o cinema arte, o cinema drama, o cinema comédia, não será também uma possibilidade nacional?

Certamente que sim, visto que desde Gil Vicente até aos nossos dias, sempre tivemos teatro, porque não havíamos de ter cinema português? Evidentemente que o mercado é pequeno, e que nos «ecrans» se projecta a sombra colossal da produção estrangeira, mas isso não obsta a que, sem epilepsias de super-produções, nem desânimos estiolantes, se produza com regularidade cinema nacional, modesto mas limpo, que vá dando satisfação à legítima exigência do público que quere cinema português, e seja ao mesmo tempo escola de técnicos e de artistas, pois que só assim se pode assegurar a continuidade capaz de dar unidade criadora aos esforços isolados dos pioneiros do cinema lusitano.

ADOLFO COELHO

VER OUVIR... E FALAR

E o Leitão de Barros?

Esta é a pregunta de muitos cinéfilos sôbre os projectos de um homem a quem o cinema português inegàvelmente tanto deve. Esta secção não se fez para elogios balòfos ou desvairamentos encomiásticos. Preferimos ser sinceros. Leitão de Barros, artista de raça, inteligência lúcida, prefere com certeza as palavras simples e bem intencionadas à bajulação dos seus falsos adoradores.

Todos os seus filmes têm defeitos — grandes defeitos! Mas, a par dêles, quantas qualidades, quantas coisas belas, quantas canseiras para criar um espectáculo cinematográfico? Foi êle quem primeiro ousou sair fora da miséria franciscana da maior parte dos documentários nacionais que os nossos cinemas exibiam. Era simplesmente desolador o panorama do cinema português, servido por gente que seguia um amargo trilho de decadente desinterêsse, quando surgiu «Nazaré, praia de pescadores». Leitão de Barros fez, até milagres.

Os filmes destinam-se ao povo. E os de Leitão de Barros conseguem fazê-lo vibrar como poucos. Êle tem o segrêdo de criar espectáculo. Pode, às vezes, torcer-se o nariz a êste ou aquele ponto — mas, talvez, Leitão de Barros tenha razão...

Há espectáculos que caem, que desagradam, que fazem fiasco. Mas o público sabe sempre defendê-los. Em matéria de cinema, foi protegendo e acarinhando os filmes mais fracos que a França, por exemplo, conseguiu fazer os filmes fortes dos dias antes da guerra. Diz-se que nunca houve uma campanha contra a produção francesa. A crítica, mesmo nos tempos dos péssimos filmes franceses, foi sempre benévola. E o público — êsse mostrou



sempre uma decidida e patriótica predilecção por êles. O critério foi êste: antes um filme falado na sua língua, com actores seus, temas seus e ambientes seus, do que a melhor produção do mundo.

Claro, que se o figurino poderá parecer exagerado, a verdade é que ninguém ganha com o género «difícil». Entre nós, ser «difícil» é sinónimo de superioridade intelectual. Em tôda a parte, nós conhecemos um senhor que se chama simplesmente, Lopes ou Silva, como qualquer de nós, mas que é muito mais «difícil» do que nós. Fala sempre mais alto do que os outros. E' um convencido e, às vezes, consegue fazer com que os outros o escutem. Tem perlengas sabichonas sôbretudo. Mas, então, àcêrca do cinema é um águia. «O que isto anda a precisar é varredela!»

São êsses que estragam tudo. Não vão ao cinema para tirar partido do espectáculo. Entram com a idea fixa do espírito crítico ou da desconfiança: «vamos lá ver esta porcaria». Não procuram emocionar-se, integrar-se no espectáculo, ir vê-lo. E mesmo quando aplaudem não o fazem como uma criatura viva que se satisfaz. Fazem-no como um juiz que absolve...

Mas, voltemos à pregunta, muito a sério:

— E o Leitão de Barros?

Infelizmente, por enquanto não posso garantir coisa alguma. A última vez que o vi disse-me que pensava fazer um grande filme de verdadeiro interêsse nacional. Expôs-me o plano, mas com mêdo que eu atraiçoasse jornalisticamente os seus projectos, não deu a certeza de coisa nenhuma.

A verdade é que, dessa vez, a-pesar-de andar afastado do cinema, senti que êle tinha saüdades da paisagem do Cinema das intrigas e de tudo...

AUGUSTO FRAGA

VIDA CORPORATIVA

CATEGORIAS PROFISSIONAIS

de Cinema abrangia 83 categorias profissionais diferentes. Dissemos também que elas se diferenciavam perfeitamente umas das outras. Pareceu-nos interessante publicar a sua relação, pois é bem demonstrativa da importancia da organização cinematográfica.

Temos-nos referido á tendência que se verifica entre nós de considerar o cinema um mero produto de importação, sem viabilidade em Portugal, o que o torna oneroso e pouco proveitoso para nós. Daí a origem de certas campanhas surdas (porque ninguém se atreve a fazê-lo claramente, certos de que logo haveria quem o desmentiria sem apêlo), em que se pretende desinteressar o público e, principalmente, o Estado duma actividade que, pretende-se, só beneficia o estranjeiro.

A simples leitura da relação que publicamos basta para convencer de que existem muitos trabalhadores portugueses para quem o cinema é legítimo ganha-pão.

O Sindicato abrange os três ramos da indústria cinematográfica: Produção, Distribuição e Exibição. A relação de categorias profissionais foi discutida, aprovada em assembleia geral, informada por quem de direito e tornada oficial por despacho do sr. Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social.

Além dêsses considerados, para todos os efeitos legais, *profissionais de cinema*, o cinema dá ainda trabalho a muita gente, filiada noutros sindicatos: no dos Empregados de Escritório, no dos Electricistas, nos dos Músicos, nos dos Artistas Teatrais.

E há ainda os patrões, os empresários, filiados nos respectivos grémios: o dos Distribuidores de Filmes e o dos Cinemas.

Quási todas as categorias profissionais previstas e enumeradas na relação que publicamos mesmo as da Produção estão preenchidas por portugueses, que, se não têm a prática *que só poderia dar-lhes a continuidade da produção*, não estão mesmo assim, a trabalhar inteiramente ás cegas.

Produzem-se filmes sonoros em Portugal desde 1931. E todos êles têm sido produzidos, mais ou menos, com as mesmas pessoas. Isto quere dizer que o que nos falta principalmente não são equipas, nem mesmo especialistas. Qualquer pessoa bem informada — e bem intencionada... — poderá garantir que isto é assim.

A porverbial facilidade de adaptação dos portugueses tem realizado verdadeiros milagres. Não é pela má qualidade técnica que pecam as fitas nacionais. E' antes por tudo aquilo que não depende própriamente dos técnicos, dos trabalhadores, mas da própria organização industrial.

O Sindicato pretendo estender á produção, logo que lhe seja possível, os ensinamentos que já consegue ministrar, embora em pequena escala, por intermédio das suas Comissões Técnicas (a do Norte merece louvor particular, pela acção desenvolvida), aos projeccionistas. Nada de escolas aparatosas, de programas complicados. Mas o leccionamento dos principios essenciais da cinematografia.

Logo que a produção entre num regime mais regular (e há, neste momento, quem esteja empenhado em consegui-lo a todo o transe), será elaborado definitivamente o «Regulamento dos Profissionais de Cinema», que se vai estudando há longos meses, e que estabelecerá as regras que definirão as 83 categorias profissionais aqui enumeradas, estabelecendo-lhe a precedência e a forma de ascender a elas, com utilidade e justiça.

RELAÇÃO DAS CATEGORIAS PROFISSIONAIS ABRANGIDAS PELO SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE CINEMA E DE QUE PODE SER PASSADA CARTEIRA PROFISSIONAL

PRODUÇÃO

I — PESSOAL TÉCNICO SUPERIOR

1 — Realizador
2 — Planificador
3 — Decorador cinematográfico

II — PESSOAL DE IMAGEM

4 — Operador de Imagem
5 — Assistente de Imagem
6 — Ajudante de Operador

III — PESSOAL DE SOM

7 — Engenheiro de Som
8 — Operador de Som
9 — Assistente de Som
10 — Assistente de Microfones

IV — PESSOAL AUXILIAR DE REALIZAÇÃO

11 — Assistente de Realização
12 — Ajudante de Realização
13 — Anotador
14 — Aderecista
15 — Ajudante de Aderecista

V — PESSOAL DE ESTÚDIO

16 — Electricista-Iluminador
17 — Mecânico-Cinematografico
18 — Assistente-Decorador
19 — Carpinteiro-Chefe
20 — Projeccionista de Estúdio
21 — Fiel de Estúdio
22 — Electricista de Cena
23 — Carpinteiro de Cena

VI — PESSOAL DE CENA

24 — Fotógrafo
25 — Chefe-Caracterizador
26 — Caracterizador
27 — Ajudante de Caracterizador
28 — Contra-Regra Cinematográfico
29 — Chefe de Figuração
30 — Marcador de Cenas

VII — INTÉRPRETES

31 — Actor
32 — Comparsa
33 — Figurante

VIII — PESSOAL DE MONTAGEM

34 — Primeiro Montador
35 — Segundo Montador
36 — Ajudante de Montador

IX — PESSOAL DE LABORATÓRIO

37 — Chefe de Laboratório
38 — Chefe de Revelação
39 — Ajudante de Revelação
40 — Chefe de Positivação
41 — Ajudante de Positivação
42 — Chefe de Trucagem
43 — Ajudante de Trucagem
44 — Desenhador Cinematografico
45 — Impressor de Legendas
46 — Ajudante de Impressor de Legendas
47 — Chefe de Revisão (Prod.)
48 — Revisora (Prod.)

X — PESSOAL DE ESCRITÓRIO

49 — Chefe de Serviços (Prod.)
50 — Chefe de Serviço (Prod.)
51 — Rèclamista (Prod.)

DISTRIBUIÇÃO

I — PESSOAL DE EXPEDIENTE

52 — Gerente (Distrib.)
53 — Secretário de Gerência (Distrib.)
54 — Chefe de Serviços (Distrib.)
55 — Chefe de Serviço (Distrib.)
56 — Rèclamista (Distrib.)
58 — Programista
59 — Ajudante de Programista
60 — Viajante (Distrib.)

II — PESSOAL DE REVISÃO

61 — Chefe de Revisão (Distrib.)
62 — Revisora (Distrib.)

III — PESSOAL DE EXPEDIÇÃO

63 — Expedidor de Filmes e Reclamo
64 — Expedidor de Filmes
65 — Expedidor de Reclamo
66 — Ajudante de Expedição

IV — LEGENDISTAS

67 — Tradutor-Marcador de Legendas

EXIBIÇÃO

I — PESSOAL DE CABINE

68 — Montador de Máquinas de Projecção
69 — Primeiro Projeccionista
70 — Segundo Projeccionista
71 — Ajudante de Projeccionista

II — PESSOAL DE ESCRITÓRIO

72 — Gerente de Cinema
73 — Secretário de Cinema
74 — Rèclamista (Exib.)

III — PESSOAL DE SALÃO

75 — Bilheteiro
76 — Ajudante de Bilheteiro
77 — Fiscal de Cinema
78 — Ajudante de Fiscal
79 — Fiel de Cinema
80 — Ajudante de Fiel de Cinema
81 — Porteiro de Cinema
82 — Porteiro-Arrumador
83 — Arrumador



O famoso realizador Layton Bar pensa dedicar-se, em breve, a um novo género de filmes. Vai produzir filmes de desenhos animados de larga metragem. O seu primeiro trabalho intitular-se-á em português «O Pinochio das cègadas» e começa com uma «cègada á História», dirigida pelo animador Henry Galvany.

— Vai produzir-se a versão sonora do célebre filme «Love of Perdition» que fez as delicias dos cinéfilos românticos. Para interpretar a protagonista vai ser convidada a célebre trágica Marie Mattush.

— O cineasta Tony Wyllar, que tem actuado em vários filmes como caracterizador, decorador, assistente, cantor e actor vai, em breve e pela primeira vez, trabalhar no cinema.

— A firma brasileira «Cinédia» vai fazer uma nova versão do filme «Mulheres». Foram convidadas para interpretar os papéis criados na versão americana por Rosalind Russell e Paulette Goddard as actrizes Mirity Housylook e Mary Paul. A cena de pancadaria entre as duas artistas deve resultar dum grande realismo e como na fita não entram homens o pai da primeira não intervirá.

O HOMEM-SOMBRA

A propósito da reexibição de «Feitiço do Império»

Se TEODOSIO CABRAL quizesse poderia ser o TOM MIX português

Conheci Teodósio Cabral numa pastelaria de Lisboa, onde tomava um «whisky» na companhia do seu amigo dilecto, o capitão Henrique Galvão.

Não é possivel conceber ambiente mais impróprio de Teodósio Cabral que uma pastelaria. Teodósio não nasceu no mato. Mas nasceu «para o mato». A sua vigorosa silhueta, toda em fôrça, a sua pele tisnada pelo sol de Angola, os seus olhos inconfundiveis, que lembram dois canos de revólver apontando sempre a direito, é impossivel de «digerir» entre bocais com «drops» e prateleiras com bôlos.

Lembro-me que vestia um casaco de «sport», de boa mescla inglêsa, e que trazia um chapeu bastante largo, conjunto que lhe dava o ar dum «cow-boy» da Universal em gôso de licença.

Henrique Galvão, que me falara muito dêle durante a Exposição Colonial do Pôrto, quando acalentámos juntos o projecto de ir realizar nos próprios locais «O Velo de Oiro», apresentou-mo logo.

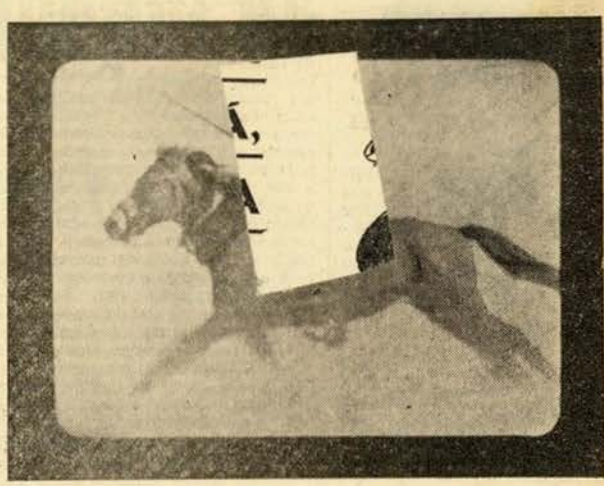
E conversámos pela primeira vez.

A sua voz, ao mesmo tempo surda e metálica, com um timbre que se distingue à légua, impressionou-me. Exprimia-se como um «gentleman». Um «gentleman» rude, é certo, mas um «gentleman». Em todo o caso, o «segrêdo» da sua voz só se me revelou quando a ouvi, estentórica, pontuada de grandes gargalhadas características e de imprecações em inglês («My God!» é a sua exclamação predilecta), troar nas chanas da Iueva e nas mulolas do Capelongo.

Teodósio Cabral, tão desembaraçado no mato, torna-se imprevistamente timido sempre que entra — e logo que entra — numa cidade qualquer. Vi-o em Lisboa, no Lobito, em Loanda e em Lourenço Marques tão contrariado, tão visivelmente saudoso das noites largas e dos horizontes vastos do interior, que quási metia dó...

Ele próprio mo confessava, não por pedantismo, mas com um tom quási infantil que não enganaria o mais desconfiado.

Teodósio Cabral tinha um «papel» em «Feitiço do Império». Um papel em toda a extensão da palavra, com cenas e contra-cenas, diálogos e tudo. Pois não houve maneira de o convencer a representá-lo. E ninguém imagine que Teodósio o recusou por incapacidade: tem muito, mesmo muito jeito. Mas não quís. E quando Teodósio não quere é um caso sério!...



E' assim que nos surge no «écran» Teodósio Cabral, na sua primeira interpretação para o Cinema: «Feitiço do Império». A sua elegância máscula de cavaleiro permitiriam fazer com êle maravilhosos filmes de aventuras

Devo à amizade que nos ligou durante meses, em África, compartilhando as mesmas emoções e as mesmas penas, o ter concedido em figurar fugidiamente nas cenas em que o vêmos.

Mas o espectador menos provido de faculdades de observação reparará que, entre aquele cavaleiro português que corre à desfilada atrás da caça, de espingarda na mão, e os cavaleiros tradicionais das fitas do Oeste americano não há qualquer diferença. As imagens em que o vêmos a cavalo poderiam intercalar-se sem desdoiro em qualquer «western», mesmo na mais cuidada.

A maneira como êle pára o cavalo de chofre, e desmonta, e mete a arma à cara, e dispara, e torna a montar, fariam soltar «hurrahs» de entusiasmo no «rodeo» mais selecto. E quando o vêmos aproximar-se, de espingarda ao ombro, seguro pelo cano, à maneira dos boers», da peça abatida por Luís de Campos, há naquele gesto com que chama os pretos que vão esfolar o bicho uma tal autoridade, uma tal segurança que, quando o vimos no «écran», ideamos logo toda uma série de filmes de aventuras de que Teodósio seria o protagonista. E palpita-nos que êle não tardaria em destronar, na preferência do nosso público, pelo menos, o simpático Gene Autrey, que foi eleito no cinema Batalha, do Pôrto, por um público verdadeiramente «especializado» no género, Rei dos Cow-Boys da Actualidade.

Teodósio Cabral poderia ser, se quizesse, um Tom Mix português.

Por mim, ainda não desisti de realizar com êle, em África, um filme que intitularia «Dois Homens numa carrinha», e em que Teodósio poderia demonstrar todas as suas autênticas possibilidades cinematográficas.

Se alguma vez êste artigo lhe chegar às mãos, que Teodósio se convença de que tudo o que tive ensejo de dizer-lhe não era fantasia nem lisonja. E, entre dois elefantes abatidos, pode recordar as nossas brigas e — passe lá a imodéstia — as nossas glórias...

A. L. R.

Uma carta de AFONSO LOPES VIEIRA a propósito de «Feitiço do Império»

Quando se estreou no Edén «Feitiço do Império», Afonso Lopes Vieira escreveu a António Lopes Ribeiro a carta que a seguir se publica, com a devida vénia:

Prezado e caro camarada

Com o «Feitiço do Império» vejo pela primeira vez o cinema nacional sair de Loures e de outros arrabaldes nacionais para se alargar através do nosso mundo, o mesmo é dizer que vejo realizada em parte a minha velha aspiração (demonstrada numa remota entrevista do «Cinéfilo») de transportar as câmaras pelas nossas províncias de Além-Mar.

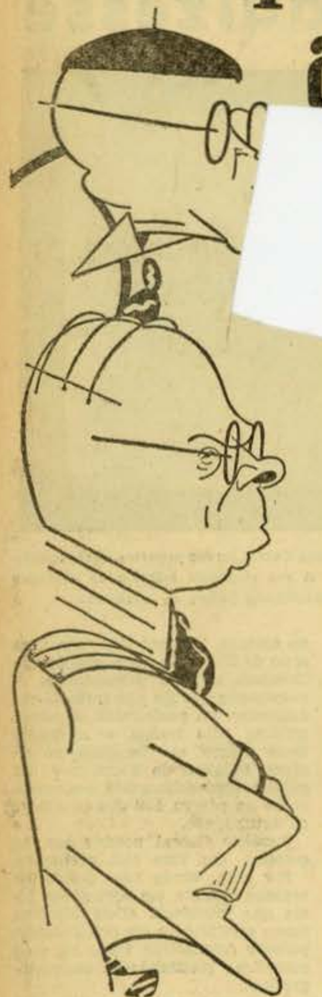
A propósito: — lastimo que a vil palavra colónias *aí fôsse empregada, contra o próprio espirito da obra. No seu filme começou pois a viver o Portugal de Camões, o espirito da «piquena casa lusitana», criador, no orbe, de novos lares portugueses. Foi com respeito a êsse Portugal que eu publiquei em 1922: «O primeiro português que chamou a* Portugal *país* piqueno *foi um perro traidor!»*

Ora, a glória do seu trabalho é essa, e realizou-o sem retórica, sem lisonjas, com dignidade de artista. Por tudo isso o felicito sinceramente. E peço-lhe me creia sempre, com grata simpatia, seu

Camarada e admirador

Afonso Lopes Vieira

A réplica dos HOMENS ao inquérito de "MULHERES"



GAGO COUTINHO, JOAQUIM MANSO, AFONSO LOPES VIEIRA

Não foi uma partida que ...tógrafo» quiz *pregar* às es... e artistas que tiveram a su... gentileza de responder ao inquérito, a propósito do fil... Mulheres» estreado no Eden. ...ogar os homens a seguir pa...-nos antes de elementar jus... jornalística. (Dizemos justiça ...o imparcialidade, porque detes...s a norma, a insípida, a gelatinosa imparcialidade!) Por isso anunciamos no último número essa réplica imprevista aos depoimentos feitos pelas representantes do sexo em causa, tão mal tratado na peça de Clare Booth, de que o filme de Georges Cukor é a fidelíssima transposição cinematográfica.

E surge êste resultado surpreendente: os homens foram mais generosos que as mulheres nêste processo em que elas eram rés!

Não o fizeram por cavalheirismo, como do tom das respostas fàcilmente se conclui, mas sim por convicta e fundamentada razão.

Daí resulta o não termos de que nos arrepender do atrevimento da pregunta e da iniciativa. «Animatógrafo» orgulha-se de ter trazido para as suas páginas uma discussão de tão alto nível, e de tão brilhantes resultados. Supõe que um problema dêstes deveria interessar um público ainda mais vasto que o que dispõe. Assim o entendeu o «Diário de Lisboa», a quem agradecemos a gentil citação do nosso jornal, trazida para a primeira página do seu diário.

Agradecemos a todos os escritores e artistas que tão prontamente acederam ao nosso convite e que tão claramente disseram o que pensavam. E parece-nos que as mulheres em geral, e as nossas leitoras em especial, também têm muito que lhes agradecer...

O ALMIRANTE GAGO COUTINHO DIZ-NOS QUE AS MULHERES NÃO SÃO «BONECAS DE CARNE»!

O Almirante Gago Coutinho é um «cinéfilo» em toda a nobre acepção da palavra, tão cinéfilo que estamos certos que não tardará em inscrever-se no «Clube do Animatógrafo»... Imaginem que, na última segunda-feira, durante a sua brilhantíssima comunicação ao Congresso Luso-Brasileiro de História, tinha um número do «Animatógrafo» em cima da mesa, ao lado das cartas marítimas e geográficas de que se servia!... Além dessa honra que nos desvanece, honrou-nos ainda com a resposta que transcrevemos na íntegra, para não atentar em nada da sua maravilhosa lucidez:

— Sôbre as mulheres americanas eu nada posso, sequer, conjecturar: como touriste, só conheço da América hotéis, transportes, cafeterias e cinemas, além de Broadway, Santa Monica, O Canyon, Santa Fé, Coney Island, Riverside, etc. A 5.ª Avenida conheço mal.

Da intimidade nada conheço. Só sei que, nos Estados Unidos, os divórcios são mais vulgares que na Europa: será por causa das Mulheres? Será pelos Homens?

Não foi por o acreditar geomètricamente que o filme «Mulheres» me interessou, e tanto que, tendo-o visto no Rio, ainda o fui ver passar no Eden. Bem sei que o cinema mente como uma actriz, para se tornar interessante; porém, haja ou não daquelas Mulheres, *a verdade é que,* vistas *de fora, são elas as que mais nos agradam e que atraiem mais gente à bilheteira.* **E o cinema mrece ganhar dinheiro para nos pcder continuar a apresentar os formidáveis espectáculos que lá temos admirado, e que o velho teatro, ou mesmo o circo, nunca nos deram nem darão.**

Certo, pelo que conheço de cinema, verifico que êle até falsifica os aspectos que fotografa: Vi em Hollywood ensaiar uma artista de categoria — não era a Garbo, que essa tem o pudor *de não ensaiar diante de visitantes. Ela estava preparada e pintada para a fotografia; pois depois, quando cá fora vi passar o mesmo filme, colorido, tive uma impressão da sua beleza brilhante, que não notara no estúdio. Lembro-me também que falei a dois artistas que, em um filme do* Old San Francisco, *tinham papéis de vilão: pois cá fora, êle e ela eram ambos bastante simpáticos.*

Donde conclui que aquilo que vemos projectado na tela difere profundamente da realidade americana. O seu falado glamour *é artificial. Ah! Já era assim a ilusão do teatro: ainda me recordo, com saüdade, das ingénuas que Rosa Damasceno fazia aos 60 anos.*

Há quem esqueça que as Mulheres não, são bonecas de carne: *são criaturas que pensam e vivem como os Homens. Sòmente a sociedade separa os sexos, de modo que, ao passo que os homens podem viver do braço, a mulher precisa ajudar-se* com *a* palavra. *Foi talvez isto que o cinema considerou, copiando, ou criando, para seu uso,* Mulheres *particularmente fúteis e maliciosas.*

Enfim, é certo que seria desagradável ter de viver com algumas das mulheres pintadas *do filme,como a Crawford ou a Rosalind. E, a-pesar-da minha falta de experiência, não creio que as americanas sejam cem por cento assim.*

De resto, o filme «Mulheres» não é um documentário *sôbre a Socie-*

AS PRÓXIMAS ESTREIAS DA «ALIANCA-FILMES» DO PORTO



Não tarda que possamos ver o filme «Mais forte que a Lei» com o tenor Tony Martin, uma das mais cotadas atracções da Broadway e de Hollywood, que contracena com Rita Hayworth



E também não tardará que seja estreada no Politeama a produção Columbia «Homens sem Coração» (Men without Souls), com Bert Lytell, decerto um novo êxito a acrescentar no activo da Aliança-Filmes

GAGO COUTINHO, JOAQUIM MANSO, AFONSO LOPES VIEIRA, RAMADA CURTO, AQUILINO RIBEIRO, FERREIRA DE CASTRO, PEDRO DE MOURA E SÁ, ALMADA E VASCO SANT'ANA

dizem-nos se «As mulheres são, realmente, assim?»

dade ocidental. Mas não devemos esquecer que **o cinema vive de mentiras inéditas, românticas, absurdas, e não da verdade, que é banal.**

Eis o que é mais fácil inventar com Mulheres que com Homens. Não é, pois, daquilo que vemos nas telas que podemos deduzir qualquer conceito a respeito da Realidade da Mulher.

«Animatógrafo» supõe impossível exprimir melhor coisas mais certas. Obrigado, sr. Almirante!

O DR. JOAQUIM MANSO DIZ QUE FAZ ALI FALTA A MULHER MAIS NECESSÁRIA ÀS OUTRAS...

Procurámos o ilustre director do «Diário de Lisboa» com a certeza de que êle já vira o filme do Eden. O Dr. Joaquim Manso não perde um bom espectáculo de cinema pois se interessa por êle como arte e como *função social* importantíssima. A sua opinião nesta demanda era imprescindível.

— *«Mulheres» é um espectáculo artificial, pela preocupação de apresentar exclusivamente as mulheres. Os homens fazem ali imensa falta. E' como um excelente rato em que se não deitou sal... Aliás, as mulheres, no filme como na realidade passam a vida a discutir os homens — porque não vivem para outra coisa. Não pode, em boa verdade, haver filmes — nem peças, nem romances — só de mulheres ou só de homens. E' contra a natureza. Homem e Mulher tão complementares são um do outro que, no próprio Génesis, não tardam dois versículos a juntar-se...*

— Há, no entanto, filmes notáveis só com homens: «A Patrulha da Alvorada», por exemplo, ou «A Oeste nada de novo...»

— *Lembre-se de que a Guerra é uma palavra feminina. A guerra — é mulher...*

— O nome do filme é bastante ambicioso...

— *Entendo que é mais feliz o título português, «Mulheres», que o nome original americano: «As Mulheres».* Assim, sempre fica lugar para as outras...

— Acha então que nem tôdas as mulheres são assim?

— *Claro que não.* Aquelas *são as mulheres dos hotéis, das praias, das modistas caras e dos institutos de beleza em que a beleza é, não um produto natural, uma graça dos deuses, mas um produto químico. Faz ali falta, entre tôdas, a mulher mais necessária às outras: a educadora, a mulher que julga as mais sem dizer uma palavra; aquela que as bonecas fúteis e inconsistentes que nos aparecem no filme mais receiam, por temerem um confronto em que ficam bem pior colocadas que na fita...*

AFONSO LOPES VIEIRA INDIGNA-SE CONTRA A FEROCIDADE DA CARICATURA

As expressivas e saborosas palavras que Afonso Lopes Vieira ditou ao «Animatógrafo» traduzem perfeitamente o espírito desassombrado, a personalidade dum português — de antes quebrar que torcer:

— *O que vi nêsse filme foi a proclamação que a América faz da grande lástima da sua civilização dolariana. Nunca ninguém ousou rebaixar a mulher com tanta ferocidade caricatural! O sorriso de Norma não basta para salvar o sexo. Graças a Deus esta obra tem para nós um ar exótico.*

E como faz bem pensar à saída que há em Portugal tantas mulheres analfabetas e que têm mêdo dos maridos!...

RAMADA CURTO AFIRMA QUE AQUELE GÉNERO DE MULHERES VAI ACABAR

O depoimento de Ramada Curto é tão *pessoal*, que quási não valeria a pena indicar a autoria. O seu amor *simultâneo* pelo teatro e pelo cinema faz lembrar Sacha Guitry, mas a ironia de Ramada é mais profunda.

Junto à sua mesa de trabalho, talvez em estudo: a Gioconda com o seu sorriso.

— *O Cinema, com as suas possibilidades únicas pode permitir-se todos os assuntos, desde a microfotografia de bacilos em caldo de cultura, até a exibição de muitas mulheres que não tem nada que fazer, não criam filhos, não amam, não pensam, não sofrem e só sabem desperdiçar milhões em vestidos e requintes, mentir, intrigar, exibir-se, divorciar e casar. Como meio, aquele em que decorre o filme é dos mais curiosos que eu tenho visto projectado na tela. E dentro dalguns anos terá um excepcional valor de documento histórico. Sim, por que eu estou convencido que aquilo vai acabar, depois da guerra e em nome da higiene e felecito-me.*

O contraste entre as fêmeas luxuosas do filme e as duas unicas mulheres que nêle aparecem encarnadas em Norma Shearer e Paulette Goddard resulta intensamente comunicável ao espectador. E é curioso notar que neste filme, como em outros que aparecem de valor, se mostra que o Cinema, para ter classe artística, entra resolutamente pelo Teatro, pela literatura. Porque aquilo é Teatro. E Teatro pelo diálogo expressivo e sintético. E' Teatro pela sucessão das cenas pela «marcação», como se diz em linguagem técnica. E sendo bom Teatro, é realizado por portentosos artistas. Essa Norma Shearer não representa, vive na tela. Com actores daqueles até eu, como dramaturgo tinha talento. A tiragem *a escolha que é preciso fazer entre milhares e milhares de mulheres, para obter uma actriz daquelas — pela formusura, pela irradiação de simpatia, pelo talento humano e perferido!*

E' por isso que eu penso que as grândes possibilidades quer no Cinema, quer no Teatro, quer no romance, estão reservadas aos grandes aglomerados humanos onde se podem escolher à vontade, assuntos e intérpretes.

Nós, se não fizermos filmes de projecção colonial, com as curiosidades e exotismos do Império, podemos fazer, por exemplo, a «Aldeia da Roupa Branca», que não era mausinho e tinha a Beatriz Costa a brincar às saloias...

Daí eu ter uma grande esperança no censo da população... Quando mais aumentar a população mais aumentam as possibilidades.

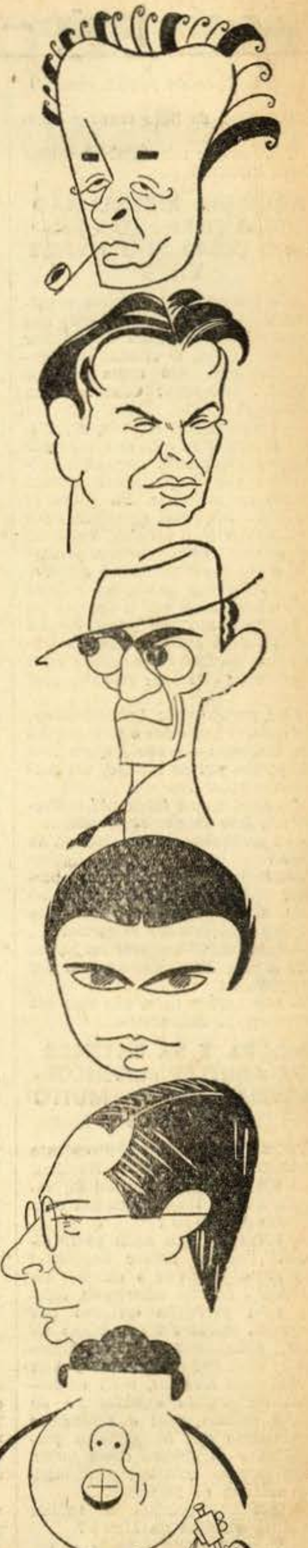
Mas não é disto que se trata. Isto é uma outra conversa. Ontem, o que me sucedeu foi vir de lá encantado. Que trauvalles *de autêntica beleza, que «grandes planos» que despertam uma profunda emoção, que momentos de gôsto, de arte, de encanto — ouso dizer — literário e intelectual.*

Decididamente quando uma arte, como pensava o velho Renan, que

(Continuação da página central)

disto tudo, é caso para pensar, como pensava o velho Renau, que

(Continua na página 12)



RAMADA CURTO, AQUILINO RIBEIRO, ALMADA NEGREIROS, FERREIRA DE CASTRO, PEDRO DE MOURA E SÁ e VASCO SANTANA

vistos por Teixeira Cabral

Não era justo — que só as mulheres falassem!

(Continuação da página central)

a literatura do livro tende a desaparecer...

E' claro que isto também é uma outra história.

AQUILINO RIBEIRO NÃO VIU O FILME. MAS JULGA-O COMO SE O TIVESSE VISTO

Não podíamos dispensar o depoimento do romancista português que mais se tem ocupado da mulher nos seus livros. O criador de «Maria Benigna» não tinha visto o filme!... Decepção? Com Aquilino não há decepções.

— *Ainda não vi o filme, é facto. Não por falta de interêsse, mas por motivos puramente acidentais. Dizem-me que é um libelo terrível contra as mulheres. Há quem se indigne... Há quem considere justa a sátira... Ora a verdade é que há mil aspectos para julgar as mulheres, e que é indispensável escolher um. Isso é que conta, na criação dum autor, mais que a opinião ou o procedimento que possa ter na prática. E no entanto, para as mulheres, a «prática» é bastante mais importante, nas suas relações connosco.*

Veja, por exemplo, Schopenhauer, um homem que disse o pior que há das mulheres — e que foi, na realidade, um pai de família, um marido exemplar...

Em arte, tudo é teoria. As mulheres não têm de que se ofender...

— E parece-lhe que discordaria do filme?

— *Discordar ou concordar, porquê? Sôbre as mulheres tudo se pode dizer, conforme o «ângulo» em que o observador se coloca.*

— Posso então escrever no jornal tudo o que disse, mesmo sem ver «Mulheres»?

— *Diga, sôbre tudo, que elas são adoráveis!... Adoráveis...*

MOURA E SÁ ENTENDE QUE AQUELES «MODÊLOS» SERVEM A «TIPOS» MUITO DIVERSOS

Pedro de Moura e Sá, presidente da Direcção do Sindicato Nacional da Crítica, crítico seguríssimo, valor do melhor timbre, deu-nos uma resposta categórica:

— *Antes de mais nada quero dizer-lhe que me parece impossível não reconhecer que o cinema, sobretudo o cinema americano, atingiu uma perfeição artística que ninguém, esteja em que plano estiver, pode ignorar. Compreendo que se diga que existem artes mais puras, mais directas, mais desprovidas de sentido espectacular do que o cinema, mas a verdade é que, dentro das larguíssimas possibilidades do cinema como forma de expressão artística, se atingiu um máximo de perfeição.*

— Que lhe pareceu a análise feita na comédia da Metro?

— *E' preciso que a gente se entenda. «Mulheres» não é uma comédia de análise psicológica e talvez mesmo o cinema seja incompatível com a análise psicológica. O cinema, como o teatro, é uma arte de síntese, isto é, as personagens representam um determinado tipo, reunindo os traços psicológicos característicos de determinada maneira de ser. Pregunta-se: as mulheres são assim? Mas o filme não quere dar senão uma série de qualidades e defeitos femininos materializadas em certo número de personagens. Cada uma delas, como uma deusa da mitologia, representa ou a frivolidade, ou a ternura, ou a bondade. E, coisa curiosa, quando se criam personagens, digamos, sintéticas, verifica-se que as coisas fundamentais são eternas na alma humana. «Mulheres» podia ser uma peça romantica, ou um drama de 1900, ou um filme de hoje. Pense um pouco e verá como a transposição seria fácil. Mesmo o problema do divórcio, que dá maior actualidade ao filme, não é essencial na acção. Ao contrário do que pensam muitas pessoas que viram o filme, o que mais me impressionou foi a intemporalidade dos carácteres que nêle desfilam.*

FERREIRA DE CASTRO NÃO ENCONTROU EM «MULHERES» NENHUMA MULHER PRESENTE...

Ferreira de Castro, que tem mais um seu livro — «Tempestade» — nas montras pouco buliçosas das nossas livrarias, está ancorado (por quanto tempo?) no pôrto de abrigo que é esta encantadora Lisboa.

Em Paris esteve prestes a ver a peça teatral extraída do romance de Clare Booth, de que já se fazia o anúncio, e não a quis ver em Oslo porque era *falada* em norueguês...

Conheceu agora o filme, e «Animatógrafo» ouve com muito interêsse Ferreira de Castro:

— *Estou convencido que não houve preocupações de ordem psicológica ao apresentar aquelas mulheres. Quis-se apenas, suponho, fazer uma farsa para divertir o grande público, uma farsa baixa, diga-se de passagem.*

— As mulheres não são...

— *E' de admitir que haja mulheres assim: a diversidade de gente que há por êsse mundo fora... Mas as mulheres duma forma geral e «normal», mesmo que as queiram dar em caricatura a traço grosso, não se mostram assim.*

E, já a terminar, Ferreira de Castro marca perfeitamente a sua convicção, recomendando ao «Animatógrafo»:

— *Não escrevam nada que possa parecer, de longe ou de perto, que na presença daquelas mulheres eu tivesse sentido uma mulher presente!*

ALMADA NEGREIROS DIZ QUE A FITA «MULHERES» É MUITO PEQUENINA...

Almada, Bandeirante da Arte, ex-futurista que, tornado presente o futuro, assentou com grande firmeza uma posição indiscutível no nosso meio artístico, recebe-nos com uma frase, daquelas que êle sabe tornear muito a seu modo:

— *Se as mulheres fôssem capazes de tão pouca perversidade e de tão pouca altura como no-las mostram no filme «Mulheres» — a História do Mundo teria sido outra.*

— «Si le nez de Cléopatre...»

— *Creio que a mulher não pode ser melhor definida que nesta frase de Stendhal: «Il faut que la femme sache qu'elle ne peut rien faire mais qu'elle peut tout faire faire». Nesta frase magnífica de Stendhal cabe toda a mulher, desde o maior excesso de perversidade até ao máximo da santidade. Maria Madalena — a figura de mulher mais bela do Cristianismo — vai duma ponta à outra. Ora, em relação a êsse vasto panorama que a mulher nos oferece, a fita «Mulheres» é muito pequenina...*

— Insuficiente?...

— *Digamos antes: local. O título pode parecer excessivamente ambicioso. A comédia é certamente verdadeira, como todas as boas caricaturas, em relação a certa categoria de mulheres americanas. Mas não creio que a autora da peça ou o realizador da fita pretendessem enfiar a carapuça a todas as outras...*

VASCO SANTANA ACHA QUE AS MULHERES... AINDA SÃO MUITO PIORES!

«Animatógrafo» procurou Vasco Santana durante um ensaio da nova opereta do Apolo, «O Colete Encarnado». Vasco tentava em vão convencer a burra «Sebastiana» (uma burra autêntica), a dizer que não a uma pergunta sua. Metia-lhe feijões nas orelhas, assoprava-lhe os ouvidos. Tudo em vão. Pretexto seguro para a boa disposição infalível no Vasco sempre que surge uma contrariedade...

— A burra não faz pequenos papéis — comentava ao lado Joaquim Pratas.

— Já viste as «Mulheres»?

— *Quais*

— As do «Eden».

— *Não me fales nisso. Ando fulo.*

— Achas o filme injusto?

— *Injustíssimo!*

— Por ser exagerado, claro?

— *Exagerado... aonde?*

— ?!...

— *As mulheres não são assim: são muito piores!*

— Cuidado! Todos os representantes do nosso sexo entenderam o contrário...

— *E' que não passam duns traidores à causa!...*

— Mas, ó Vasco, tu...

— *Já sei o que vais dizer. Mas olha lá: tu não gostas de whisky*

— Gosto.

— *E faz mal, não faz?... Pois aí tens.*

— Mas deixa-me dizer-te que, no filme, nem tudo é terrível para as mulheres. Algumas, como a que incarna Paulette Goddard, mostram-se sensíveis, sensatas e discretas...

— *Quanto a mim, é êsse o maior defeito do filme. A parte laudatória que contém — deveria ter sido cortada pela censura!...*

«Animatógrafo» não quere fazer comentários à divergência manifesta das opiniões, todas elas interessantíssimas, que registamos fielmente durante dois números. Os leitores e as leitoras que as julguem a seu modo, — elegendo aquela que melhor lhe convier...

E, agradecendo a todos os que se dignaram responder — e nenhuma pessoa por nós procurada se negou, o que nos sensibiliza muitíssimo — damos por concluído o nosso inquérito.

CARTAS DUM CINÉFILO

Competente director:

Cá lhe escrevo mais uma vez, e agora para lhe dizer que me inscreva como sócio do Club do Animatógrafo. Acho a idea muito boa e creio estar nas condições, pois em 1929 já tinha três anos de cinéfilo. Sou dos mais antigos e, ao contrário dos outros que ou são médicos, ou são engenheiros, ou são advogados, eu continuo sendo cinéfilo. Como vê firme nas minhas convicções. Poderia, também, atendendo a isso, ter um lugarzinho na direcção do clube. Tesoureiro, por exemplo. Estou encantado com a idea do clube. Arranja-se uma boa sede, com salas de jogos e mais tarde, um grupo de futebol só com cineastas. O que não seria interessante ver o sr. Leitão de Barros na defesa; o sr. Brum do Canto à ponta-esquerda; o sr. Armando Miranda no segundo «team»... O sr. Adolfo Coelho seria aproveitado para dirigir o arrelvamento do campo. E muitas outras ideas tenho eu para o engrandecimento do nosso clube. Aos sábados podem-se fazer uns bailes e criar uma escola nocturna para cinéfilos analfabetos.

Li no seu jornal que vão publicar uma série de artigos dum espanhol sôbre cinema nacionalista. Isso para nós não é novidade e o cinema português foi sempre muito nacional e sem possibilidades de se confundir com os filmes internacionais. A gente vê um filme português e percebe à légua que aquilo é nosso, muito nosso. Pode ser mau, mas é nosso. A interpretação pode ser péssima, mas é nossa... O som pode não prestar, mas é nosso... E tudo assim à proporção. E além disso todos os nossos filmes metem saloios, de várias épocas, mas saloios e os saloios são nossos, muito nossos. Até o seu filme «Feitiço do Império» metia saloios. Eram pretos, ou seja saloios de África, mas eram nossos.

E agora uma outra idea, ainda sôbre o cinema nacional. Estão em Lisboa o realizador Jean Renoir, o actor Jean Murat e a actriz Josephine Baker. Que grande filme português, que se podia fazer com êles!

Eu não concordo, por tudo isto, com a idea de se ter feito um filme de carácter internacional chamado «Pôrto de Abrigo». Ao que me consta a acção passa-se num pôsto da guarda-fiscal à hora da sésta e mete personagens estrangeiros. A menina Elisa Carreira faz a «Sónia» e o sr. Patrício Álvares faz um espião e creio que deve ir bem, porque eu vi-o fazer o «Braz» do «Feitiço do Império» e acho que tinha habilidade.

E por hoje nada mais, cinéfilo às suas ordens

Ignácio da Purificação

P. S. O meu pai já descobriu tudo e anda pior que o dr. Selénio Calheiros no «Pão Nosso». Já me disse que se me vê mais alguma carta minha que me bate. E êle quando diz uma coisa faz. E' como o sr. Alves da Cunha, que não serve para graças.

I. da P.

O que é o novo filme de CAPRA «Mister Smith goes to Washington»

Tive há alguns meses ocasião de rever «Uma noite aconteceu...». A cópia exibida apresentava-se "vèlhinha, cheia de «rugas», «trôpega» de todo — mas o filme estava novo em fôlha, a-pesar-dos seus sete anos de idade.

Frank Capra, é claro, não precisava para nada de mais esta prova real do seu real talento — nem eu dela necessitava para dedicar ao autor do «Não o levarás contigo!» a minha muita estima e consideração. No entanto interessou-me sobremaneira verificar que a obra-prima de Capra resistia vitoriosamente ao rodar do tempo, tanto mais que, pouco antes pudera fazer experiência idêntica com a sua «Loucura Americana» que, a-pesar-de mais antiga ainda, não perdera também as suas grandes qualidades. E' esta, seguramente, a prova mais difícil a que pode ser sujeito um filme, pois raros são aquêles que, passados anos, se mantêm no nível em que nos aparecem à data das suas estreias. Ora não é apenas um ou outro filme de Capra que vence esta prova — pode dizer-se que é tôda a sua obra.

Semelhante proeza ajuda-nos de-certo a compreender o segrêdo do seu êxito e garante-nos que êle se manterá nas suas obras futuras. Em primeiro lugar diz-nos que o aspecto formal da obra de Capra possue aquêle equilíbrio e aquelas qualidades de perfeição expressiva e técnica indispensáveis a tudo aquilo que quizer ultrapassar o seu momento — e durar; em segundo lugar, e principalmente, demonstra que o realizador da «Milionária por um dia» sabe, de facto, retratar nos seus filmes a *verdade humana* — pois é efémero tudo o que é falso. Quero eu dizer com isto: não há que ter apenas o *palpite* de que as futuras produções de Capra serão tão boas como as anteriores — há que ter a *certeza*, uma certeza que se demonstra por a + b.

Portanto, esta série de raciocínios bastaria para esperarmos com inteira confiança a estreia do *Mr. Smith Goes to Washington*. Mas há ainda outras razões, e magníficas, para tal.

O sr. Smith, que vai a Washington

Compre: há algumas semanas o número de Setembro da excelente revista inglesa de arte *The Studio*, número êsse dedicado à actividade artística dos Estados Unidos. Lá encontrei um artigo do eminente crítico de arte Edward Carrick, no qual se analizavam as mais recentes realizações americanas no domínio do espectáculo. Esse artigo começava assim:

«Já viu «Pinocchio», «Cavalgada Heróica» e *Mr. Smith Goes to Washington?* Se já os viu, viu os três melhores filmes, debaixo dos pontos de vista artístico, social e técnico, feitos na América desde a primeira experiência de Edison com o vitascópio, em 1896...»

Desde o momento em que li estas linhas fiquei completamente elucidado sôbre o valor da nova obra de Capra, porque semelhante afirmação, em tom tão perentório, naquelas páginas e subscrita por aquela pena, vale qualquer coisa, isto é, muito mais do que todos os anúncios, cartazes e outra publicidade do Mundo inteiro. Subiu então em mim a curiosidade de saber quais eram as características do filme, e para a satisfazer procurei documentar-me a tal respeito. Donde resultou ter ficado mortinho por ver a fita.

O sr. Smith — que vai a Washington — é próximo parente daquêle sr. Deeds que foi a Nova-York — onde o julgaram doido, de tal maneira que só a muito custo e à fôrça de sagacidade e bom-senso conseguiu convencer o tribunal de que tinha razão... Também o sr. Smith é um rapaz às direitas e cheio de senso comum, a-pesar-de também dispôr — abençoadamente! — duma boa dose daquilo a que nós, portugueses, chamamos «areia». Também o sr. Smith, tal como o sr. Deeds, é um idealista convicto, que atribue muito mais importância aos aspectos morais do que aos utilitários. Também o sr. Smith é uma personagem cheia de humanidade e de pitoresco, ou melhor, de «pitoresco humano» — daquêle pitoresco profundamente humano que nos fazia simpatizar de maneira irresistível, não só com o sr. Deeds, mas também com o velho optimista tocador de gaita de beiços e coleccionador de selos, que Lionel Barrymore tão bem interpretava no «Não o levarás contigo!»

Este parentesco do protagonista do novo filme com os heróis do «Doido com juízo» e do *You can't take it with you* dão-nos logo a garantia de que no *Mr. Smith* encontraremos de novo «a atmosfera reinadia e bizarra» que nos deliciara naquelas películas — e portanto de que não teremos de suportar filosofias sorumbáticas no género das que ennevoavam o «Horizonte Perdido», êsse único êrro na carreira de Capra. Podemos pois ter como certo que as aventuras do sr. Smith vão divertir-nos em cheio, segundo as melhores tradições do grande realizador. Mas Capra ambiciona sempre mais alguma coisa, além de divertir o seu público.

Contra os pelotiqueiros da política

O nosso Director, António Lopes Ribeiro, afirmou um dia a-propósito do «Não o levarás contigo»: «Capra é perito naquilo a que chamarei *polémica cinematográfica*, e a que não falta, segundo a receita de Léon Daudet no seu *Bréviaire du Journalisme*, o sal do riso e a pimenta da cólera».



Uma cena de «Mister Smith goes to Washington»: James Stewart e Jean Arthur numa agitada sessão de propaganda eleitoral, à moda dos Estados Unidos da América do Norte

Em *Mr. Smith Goes to Washington* Capra faz de novo «polémica cinematográfica». Para o avaliar basta saber que o sr. Smith, chefe dos escoteiros de certa terreola da União Americana, vai a Washington por ter sido eleito senador, graças às malas-artes dum politicão local e dum magnate da imprensa, que esperam dispôr dêle como de um dócil instrumento, dum «boneco de palha». E' fácil imaginar o desenvolvimento da história por êste ponto de partida — especialmente se acrescentar que o jovem senador se revolta contra os seus interesseiros protectores. Capra explora êste tema, com a sua habitual desenvoltura, no sentido de uma crítica impiedosa aos políticos e à baixa política, mostrando de um lado os politiqueiros profissionais — autênticos pelotiqueiros da política —, as suas «panelinhas», os seus negócios escuros, o seu desdém absoluto por tudo o que não seja os seus interêsses particulares — e do outro uma espécie de segundo Lincoln, um rapaz cheio de nobreza e boas intenções que não compreende a política senão como um meio de servir abnegada e completamente o Bem Comum.

O episódio capital do filme mostra o combate decisivo travado por Smith contra os seus inimigos — David contra Golias — em plena sessão do Congresso dos Estados Unidos! Creio que essa seqüência de cenas é o momento culminante da carreira de Frank Capra.

Estão a ver a projecção universal de semelhante tema — que, como viram, só será especificamente americano no aspecto exterior, formal ou «processual». Compreende-se por isso que o chefe da redacção do *Pour Vous* escrevesse na sua revista: «Falar-se-á e tornará a falar-se muito de *Mr. Smith Goes to Washington;* não será portanto excessivo vê-lo mais de uma vez. Foi o que eu fiz. Não há o costume de rever os filmes que agradam, e faz-se mal, sobretudo quando se trata de obras como esta, *de vastas proporções e complexo sentido*».

James Stewart bate Gary Cooper, aos pontos

Duas palavras ainda sôbre os intérpretes. O sr. Smith é James Stewart, êsse extraordinário actor que Capra já dirigira em «Não o levarás contigo», e que teve agora a melhor oportunidade da sua bela carreira. O seu «Mr. Smith», segundo a crítica estrangeira, é uma magnífica criação que o coloca definitivamente no primeiro plano e que ofusca o Mr. Deeds, de Gary Cooper. Dois outros intérpretes do «Não o levarás contigo» foram outra vez escolhidos por Capra: o excelente Edward Arnold e Jean Arthur, essa rapariga maravilhosa de inteligência e maliciosa graciosidade. Claude Rains, o «Homem Invisível» tem num senador uma vigorosa composição. Noutros papeis de relêvo aparecem Guy Kibbee, êsse grande actor que é Thomas Mitchell — um nome que todos os cinéfilos têm obrigação de saber de cor —, e o veterano Harry Carey, o explorador Horn do *Trader Horn*, que representa espantosamente o presidente do Senado.

Não é difícil calcular o que Capra terá tirado de semelhante *cast* — êle que é talvez o mais formidável director de artistas de todo o cinema!

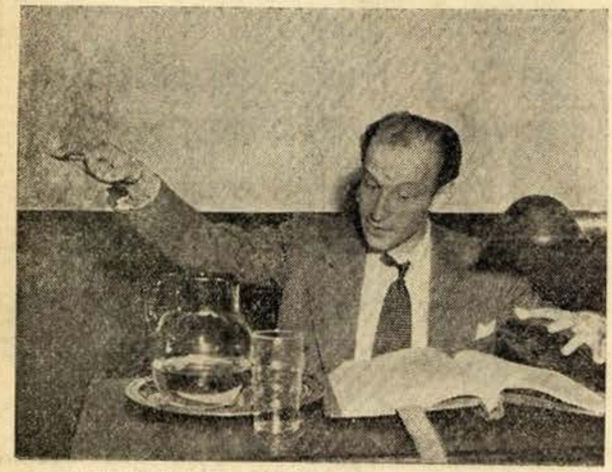
ANDRÉ' MASSIL

UM PRÉMIO DE 500$00 A QUEM ENCONTRAR O MELHOR TÍTULO PARA «MISTER SMITH GOES TO WASHINGTON»

«Animatógrafo», de acôrdo com a Aliança-Filmes, abre um concurso para a escolha do melhor título português para o novo filme de Frank Capra. A tradução literal é esta: «O SENHOR SMITH VAI PARA WASHINGTON». E vai para Washington fazer o quê? Tomar assento no Senado, para onde o elegeram os seus conterrâneos. A leitura dêste artigo de ANDRÉ MASSIL esclarece suficientemente o argumento para que os nossos leitores mais engenhosos possam concorrer.

CONCORRA QUEM TIVER IMAGINAÇÃO!

Quem é GARSON KANIN o mais jovem realizador do mundo



GARSON KANIN lê uma planificação, com gestos expressivos...

Isto de comparar a Música com Cinema é já coisa velha, dada a rapidez com que tudo corre quando diz respeito à «arte das imagens». Os tratadistas encararam o problema do paralelo sob múltiplos aspectos e cavaram as últimas conclusões, provaram que a essência das duas artes era o «tempo», que ambas viviam do «ritmo» e dos «desenvolvimentos temáticos», falaram de «harmonias», de «contrapontos» e de muitas dezenas de coisas mais. Sempre que um autor pretendeu bordar considerações «cinemo-musicais» encontrou pano para mangas, «pano», até, para livros completos.

Um rapaz que se fêz careca!

Até que se chegou ao momento de pensar se se descobriria mais alguma íntima relação entre o papel pautado e a planificação, entre a batuta e o megafone, entre o violino e a máquina de filmar ou a tesoura da montagem. E parecia que não!

Mas há anos, poucos anos, apareceu em Hollywood um rapaz aí pelos vinte e uma bela cabeleira. Três anos depois êste jovem realizava o seu primeiro filme e hoje dois anos decorridos é considerado um «barra» do cinema. Chama-se Garson Kanin, conta agora vinte e cinco anos, perdeu, neste tempo muito cabelo, motivo por que está quási careca e forneceu-me esta oportunidade para dizer que o cinema conta mais uma relação possível com a música. E' que quando Garson apareceu em Hollywood tocava «trompette» numa orquestra.

Há sempre uma razão para escolher...

Evidentemente, passam por Hollywood muitas orquestras de «jazz» como aquela em que tocava Garson Kanin. E' «étape» imprescindível do programa de qualquer orquestra americana que se preze. Dá-se também o facto, que nada tem de anormal, de tôdas estas orquestras contarem entre as suas figuras mais do que um «trompette». Ora dentre tanta «trompette» porque seria que a fantasia de Hollywood só uma escolheu e quiz para realizador?

O Garson Kanin responderia a esta pergunta melhor do que ninguem. Todavia, parece-me que calculo as razões. Não foi a tocar «trompette» que êle aprendeu cinema. Aquilo andava dentro do rapaz na «massa do sangue», melhor, na «massa dos olhos e dos ouvidos», como acontece com tantos outros. Aposto que nos intervalos dos ensaios da «banda» o nosso amigo Kanin não saía do cinema senão para ler qualquer livro da matéria. E a orquestra nem devia ser para êle mais do que o meio «maquiavélico» de se apresentar na terra da Promissão cinematográfica.

Assim que se lá apanhou Garson Kanin andou numa roda viva ora gastando o sôpro na interpretação mais ou menos «hot» dos trechos de «jazz», ora consumindo o fôlgo a correr dum para o outro lado, à busca dum emprêgo nos estúdios.

Nisso, possívelmente, começou a gastar o cabelo... mas valeu a pena — quando a orquestra partiu na continuação da «tournée», Garson foi despedir-se dos seus antigos companheiros. Na orquestra havia vaga — uma das suas «trompettes» ficava empregada no «script department» dum estúdio de Hollywood. E isto foi um facto mais maravilhoso do que parece. Porque um «trompette» que estava desempregado arranjou emprêgo. Garson encontrou a sua verdadeira vocação, os cinéfilos de todo o mundo puderam gozar os filmes que êle dirige e eu posso escrever êste artigo — o que não aconteceria se as coisas tivessem corrido de outra maneira.

O momento em que se não pode falhar

Garson Kanin, quando foi admitido para o seu primeiro emprêgo nos estúdios não se lembrou destas conseqüências. Tinha pela certa, mais em que pensar.

Antes de mais nada — pensou que dava o primeiro passo. E depois, talvez, que se quisesse subir mais degraus tinha que abrir bem os olhos para «ver como era». Durante três anos, aprendeu quanto foi possível.

Até que, um dia, os produtores americanos que têm a curiosa mania de não andarem a dormir chamaram o sr. Garson Kanin — empregado dos estúdios, rapazola com vinte e três anos e disseram-lhe, segundo calculo, mais ou menos o seguinte:

— Oiça lá, meu rapaz! Desde há tempos verificamos que você não é pêco nenhum. Ora o que nós precisamos é disso; queremos fazer de si um homemzinho capaz de realizar umas fitas «catitas». De forma que tome lá êste argumentosito e realize.

Se não foi neste estilo de História Alegre de Portugal, foi noutro parecido. O certo é que a fita a fazer, com pequeníssimo custo e sem grandes possibilidades parecia uma história que o argumentista se tinha apostado em fazer o mais banal possível.

Garson pegou naquilo, lembrou-se dos «velhos» tempos da «trompette», e criou um «screen-play» cheio de «hot». Quero eu dizer na minha: escreveu uma planificação cheia de originalidade. Depois no estúdio não se mostrou menos seguro a dirigir Edward Ellis, Ann Shirley e outros. Como resultado a sua «Herança duma Vida» («Man to Remember») saiu uma fita que conseguiu êste resultado frequentemente julgado milagroso — teve um bom rendimento e revelou incontestável categoria cinegráfica.

Kanin não falhara o supremo momento, que os produtores lhe haviam oferecido.

Prova dos... quatro!

Durante estes dois anos que decorreram, Kanin confirmou, comprovou êste seu primeiro ensaio com uma grande prova de quatro — quatro filmes feitos depois disso, todos com êxito de bilheteira e real interêsse técnico e artístico.

Quando lhe deram «Plebiscito» («The Great Man Votes») seu segundo filme os produtores — com certa razão — ainda não estavam de todo seguros das suas capacidades. Mas Garson, desta vez a dirigir John Barrymore — tornou a sair-se e, daí para a frente, tem sido o «menino bonito» da R. K. O. e começa a ser um dos realizadores preferidos do público que não esqueceu «Mãezinha à Fôrça» (com Ginger Rogers e David Niven), seu terceiro filme, que não se esquecerá tão cedo de «Minha Mulher Favorita» (com Irene Dunne e Cary Grant) quarto filme e vai receber com êxito clamoroso o último da prova dos quatro «They knew what they wanted», obra que é uma digna coroação de todo o trabalho que até aqui apresentou e um êxito de Carole Lombard e Charles Laugthon seus principais intérpretes.

O que pode fazer um «trompette», mesmo se não tiver geito nenhum para a música, quando possuir o génio cinematográfico!

P. G.



GARSON KANIN dirige CHARLES LAUGHTON, nos estúdios da R. K. O.

A FEIRA DAS FITAS

«GARRAS DE FERRO»

(Frisco Kid)

A primeira vez que vimos James Cagney (em «Footlights Parade», que vimos em Portugal tarde e a más horas, e ainda por cima «assassinado» por cortes atrabiliários) logo nos impressionou a sua extraordinária personalidade, diferente da de todos os restantes astros de Hollywood. Cagney incarna à perfeição aquilo a que os franceses chamam «les enfants de la bale», expressão de que não encontramos (perdoem-nos os filólogos) precisa tradução, com a rapidez exigida pela rotativa do «Animatógrafo». Mariolão simpático, tem um olhar directo e penetrante, um andar miudo e bailarim, uns gestos sêcos que lhe dão uma «presença» inconfundível em que há ressaibos de vulgaridade e atitudes de fidalgo marialva.

Aqui, no «Frisco Kid», encontrou mais uma daquelas personagens que lhe assentam como uma luva, pela insolência radiosa, pela nitidez desarmante dos reflexos. Aparece-nos com uma cabeça «à la Saint-Just» que lhe eleva a sua pequeníssima estatura, e nos provoca o desejo de o ver representar uma figura da Revolução Francesa .

Filme de violência e de pitoresco, «Garra de Ferro» transporta-nos à temível Barbary Coast, o bairro de São Francisco onde, no último quartel do século XIX, se acumulavam todos os vícios e todas as torpezas. Lloyd Bacon, mestre-realizador, dá-nos excelentemente a «atmosfera» do bairro ignóbil, usando de processos novos, sem apoiar excessivamente os efeitos realistas. Há, por exemplo, um feliz aproveitamento dos sons de piano mecânico e de chapinhar de água, que ficam a matar em certas cenas, e que são mais eloqüentes e evocativas que muita tralha visual complicada.

A fita vê-se assim com muito agrado e interêsse, embora se tenha recorrido a um «fim feliz», que vem às prestações, e recorrendo a um cordelinho teatral que já deu o que tinha a dar: o «herói» salvo à última hora pela «rapariga». Mas como isso nos proporciona mais uma excelente cena de Margaret Lindsay (que se mostra em todo o filme duma sensibilidade e duma inteligência dignas do nosso Quadro de Honra), não é pecha para descoroçoar.

Uma outra cena notável: a cena de amor, em que Bat se declara, e em que há os beijos mais naturais, menos «cinematográficos» que temos visto dar.

Ricardo Cortez, que se vê sempre com agrado desde que desistiu de rivalizar com Valentino, Lily Damita, numa figura secundária e todos os mais, completam com felicidade um conjunto notável. — **A. L .R.**

QUADRO DE HONRA

«GARRA DE FERRO» (Filmes Alcântara)
— A interpretação de JAMES CAGNEY (Bat Morgan), pelo seu à-vontade viril.
— A interpretação de MARGARET LINDSAY (Miss Barrett), pela sua inteligência e emotividade.
— A «atmosfera» conseguida pelo realizador LLOYD BACON.

«MINHA MULHER FAVORITA» (Rádio-Filmes)
— A interpretação d^ IRENNE DUNNE (Ellen).
— Os bons momentos da direcção de GARSON KANIN, nomeadamente os diálogos com o Juiz (desempenhado por GRANVILLE BATES) e a cena de Ellen com os filhos.
—A originalidade do acompanhamento musical de ROY WEBB.

«NINOTCHKA» (M. G. M.), por ter atingido, no São Luiz, de Lisboa, a sua 4.ª SEMANA de exibição.

«O LEÃO DOS MARES» (Sonoro Filme)
— Os bons momentos de documentário da marcha dum combóio de navios e a sua sábia intercalação.
— A reaparição de CLIVE BROOK, que não perdeu nenhuma das suas qualidades.

«OUVERTURE» DE ROSAMUNDE (Sonoro Filme)
— Complemento musical pela Orquestra Sinfónica de Filadélfia pela qualidade da execução, do som e da imagem.

«PASSOU UMA MULHER» (Lisboa Filme)
— A realização de JEAN GREMILLON, pelo seu recorte «clássico».
— O desempenho de JEAN GABIN e do conjunto de intérpretes.
— O mixto de realidade e romantismo das cenas finais.

«PIEDOSA MENTIRA» (Sonoro Filme)
— O talento não desmentido de EDWIGE FENILLÈRE e a naturalidade de GEORGES RIGAUD.
— Certos momentos da fotografia, como, por exemplo, nevoeiro nas cenas finais

«QUE NOITE DE NÚPCIAS AQUELA» (Filmes Alcântara)
— A interpretação de CHARLES RUGGLES, pelo seu cómico discreto, mas infalível.
— O aproveitamento do som nos «gags» da bofetada dupla e do K. O. do atleta «Doc» com uma cabeçada dada por engano.

«MINHA MULHER FAVORITA»

(My Favorite Wife)

Como é sabido, esta comédia da R. K. O. baseia-se num tema idêntico ao da «Bigamia», da Columbia, recentemente exibida em Lisboa; idêntico, mas no sentido contrário, pois são as aventuras picarescas de um marido que se vê legalmente casado com duas mulheres, qut êste filme descreve o mais risonhamente possível. Não me interessa saber se «Bigamia» é anterior ou posterior a «Minha mulher favorita», porque não se trata de forma alguma de plágio, ou sequer de coisa parecida. Não há uma única cêna que se pareça ou faça lembrar qualquer outra da «Bigamia» — e isto a-pesar-de muitas situações, como não podia deixar de ser, serem gémeas de outras daquêle filme. E' que os processos humorísticos em que foram tratados os dois temas são completamente diversos; tanto assim que «Minha mulher favorita» lembra muito menos «Bigamia» do que «Com a verdade me enganas» (*The awful truth*), essa admirável comédia de Leo Mc Carey, que foi o produtor da película de que me estou ocupando. Os respectivos episódios finais, em particular, têm evidentes pontos de contacto — e equivalem-se também em qualidadt.

Muitos momentos do filme são extraordinàriamente felizes, como concepção, desenvolvimento e realização. Outros não parecem tão cuidados, mas isso em nada prejudica as condições espectaculares da película, que são enormes: o público ri a perder, com gôsto e freqüentemente.

Garson Kanin confirma sem dúvida, nêste seu novo trabalho, as invulgares faculdades de encenador cinematográfico que revelou nas suas obras anteriores, e que o atiraram para o galarim aos 24 anos, conforme o leitor poderá ler noutra página dêste número. Cito apenas três passagens do filme — as que merecem figurar no nosso quadro de honra —, bem demonstrativas do talento de Kanin e da sua enorme habilidade para dirigir actores: os espantosos diálogos com o juiz (desempenhado magnificamente por Granville Bates) e a cena de Ellen com os filhos, quando êstes já sabem que ela é a sua mãe. Adorável momento êsse!

Irene Dunne destaca-se de todos os outros intérpretes, não só porque o seu papel lhe dá essa possibilidade, mas também porque sabe nunca ser banal Irene é das tais que torna grandes as mais pequeninas coisas. Vê-la trabalhar é um extraordinário prazer! Cary Grant excelente como sempre, mas sem oportunidades para grandes vôos.

Original e cheio de vivacidade e bom-humor, o acompanhamento musical de Roy Webb que sublinha de maneira muito feliz as peripécias mais maliciosas do filme.

Não quero deixar de fazer referência às péssimas condições de projecção em que «Minha mulher favorita» foi apresentada ao público de Lisboa. Não se compreende que uma sala de primeira categoria, como a que estreou êste filme, não cuide de modernizar a sua aparelhagem — para já não falar nas exíguas dimensões do seu *écran*. — *D. M.*

«O LEÃO DOS MARES»

(Convoy)

O cinema inglês sofreu, durante a guerra de 14-18, um golpe tão rude que só agora, em vésperas desta, estava a caminho da completa restauração. E porque esta restauração era um facto e, também, porque a indústria cinematográfica não quere sofrer os mesmos precalços da guerra anterior, os estúdios ingleses continuam, mesmo através de dificuldades que fàcilmente se imaginam, a produzir. Como era de prever as obras a que os produtores maior interêsse dispendem são aquelas que giram na atmosfera da guerra, quer para simples inspiração do ambiente, quer como nítida propaganda.

«O Leão dos Mares» que, agoro, vêmos enfileirar nesta última categoria de filmes. Nêle aparecem misturados o documentário, a atitude intencional de propaganda e a pura afabulação, o contar duma história, por sinal bastante fraca e artificial, que serve de moldura a tudo o mais.

Assina esta produção um dos mais novos directores ingleses Pen Tennyson, um antigo assistente de Alfred Hitchcock que já tem obra apreciável. Tennyson que é, principalmente um especialista em contar a vida da gente humilde, a sua rudeza e o seu humor, a-pesar-de um pouco deslocado em «O Leão dos Mares» apresenta-nos um curioso trabalho doseando com talento o documentário e a propaganda com a história que é a mais sacrificada. O documentário tem aspectos sensacionais, actuais e muito bem filmados — como alguns pormenores da batalha e as imagens que nos dão a tranquilidade do combóio em marcha. Da acção apontamos, porque o merecem as cenas que nos apresentam o pequeno cargueiro, pela primeira vez, e os momentos de espectativa que antecedem a grande batalha.

O decorrer desta tem, a certa altura uma montagem confusa.

A interpretação é, nos principais papéis correcta. Aponte-se, no entanto, especialmente Clive Brook que mais uma vez nos aparece e, como sempre sóbrio, perfeito, cheio de presença e categoria. — *F. G.*

PASSOU UMA MULHER

(Gueule d'Amour)

A visão dêstes últimos filmes franceses recordou-me um alarmado artigo de Edwin Schallert que li há muito tempo. Intitulava-se «Dictators block american films»: nêle se explanavam os embaraços que a produção americana encontra na Europa totalitária e continha uma afirmação interessante acêrca do cinema francês. Dizia o autor, em palavras bem significativas, que a França estava produzindo cinema eficientemente na medida das necessidades do seu mercado interno, e que entre os seus produtores locais contava com grande número de cineastas emigrados de vários paises os quais representavam naquêle momento «some of the best minds in the cinema creation».

Vendo o filme que o Condes há dias estreou e tendo presentes outros anteriores não se pode ter dúvida em aceitar como exactas as observações do cronista americano. O cinema francês vivia antes do colapso um dos seus momentos felizes. «Passou uma mulher» é obra de profunda emoção. Um simples caso de paixão terrível, provocado por uma mulher leviana que brinca perigosamente com o amor — é certo. Mas tratado com verdadeiro interêsse cinematográfico, ferindo aspectos delicados, e conduzido até um desfecho naturalmente dramático. Ele é irresistível. Amado por tôdas as mulheres, julga tudo fácil em questões de amor, até o dia em que a encontra, «gueule d'amour», que o faz descer ao mais baixo da escala social.

Todos os intérpretes são óptimos, dando aos seus papéis tudo quanto exigiam da sua capacidade e do seu talento. Há por vezes — e êste é ainda o único defeito que certos artistas franceses acusam — uma pontinha de entoação teatral nas suas falas. Mas é coisa de somenos e não deminue o valor de trabalho como o de Jean Gabin, Mireille Ballin, René Lefèbre e Pierre Magnier.

Exemplo típico do filme dramático, chamamos para êle a atenção dos cinéfilos, pois é notável o tom geral da realização de Jean Grémillon, que obedece aos cánones de um certo classicismo francês. Não esquecem as cenas finais em que a realidade e o romantismo parecem confundir-se. — *A. F.*

«QUE NOITE DE NÚPCIAS AQUELA!»

O cinema perdeu a toada dos filmes cómicos puros. Buster Keaton e Harold Lloyd deixaram, pràticamente de trabalhar. Oliver Hardy e Stan

Laurel repetem-se desesperadoramente, e ensaiam inutilmente outros parceiros, trabalhando cada vez menos. O próprio Chaplin produz tão esporàdicamente que não basta para manter uma das tradições mais legítimas do cinema.

O riso refugia-se nas comédias, que, mesmo essas, perderam aquela louca animação que as tocou há uns três ou quatro anos.

Por isso nos soube bem rir a valer com a comédia de Gus Mein, prenhe de situações felizes e bem resolvidas, servida por um artista de primeira água: Charles Ruggles.

Charles Ruggles não é, mas parece, primo de Roland Young — um primo da América... A mesma timidez, a mesma graça involuntária; servida, no entanto, por uma «autoridade» que falta ao inolvidável «Topper», o herói do «Par Invisível» e do «Homem que fazia milagres». Também tem qualquer coisa de Frank Morgan, do grande Frank Morgan; mas pode construir-se uma comédia toda ela à sua volta, uma comédia «em que é êle o galã», o que nos parece difícil de conseguir com o protagonista do «Feiticeiro de Oz».

Não se veja no paralelo feito qualquer insinuação de falta de originalidade. Charlie é originalíssimo, não deve nada a ninguém. Comparámo-lo apenas para chamar a atenção do leitor para uma categoria de artistas excelentes em que êle repara bem menos que nos papa-papéis do costume, galãs diplomados, astros de primeira grandeza no cartaz, mas que têm, tanta vez, menos mérito real que os seus camaradas mais velhos e mais esquecidos.

A anedota de «Que Noite de Núpcias Aquela!» foi bem encontrada e bem conduzida. Alguns «gags», principalmente aquêles que se valorizaram por sons artificiais e que citamos no Quadro de Honra, são felicíssimos. Ona Munson (a noiva) tem muita distinção e muita simpatia. Marion Martin é uma loira vistosa. E Stepin Fettchit é o negro arrastadão e desengonçado como um molusco, que sempre nos faz rir, a nós e ao público. — **A. L. R.**

«PIEDOSA MENTIRA»

(«Sans Leudemain»)

Ainda há poucas semanas tínhamos visto Edwige Feulliere em «Fui Uma Aventureira» e em que de novo a encontramos num outro filme. Foi notada na outra produção a maneira como interpretara o seu papel, provando mais uma vez quanto era grande actriz.

Esta impressão não pode deixar de se manter e de se vincar perante o seu trabalho no filme de agora. Simplesmente emquanto o conjunto de qualidades de «Fui uma Aventureira» concorria para realçar o trabalho dos intérpretes, em «Piedosa Mentira» — que Max Ophuls realizou — a lentidão da acção e a frouxidão de muitas situações provoca, evidentemente, um efeito contrário e apaga um pouco o brilho da interpretação. Edwige Feulliére é nisto a mais prejudicada por ser ela quem tem trabalho de maior responsabilidade. Georges Rigaud, num papel sem grandes exigências, limitou-se a confirmar as qualidades de naturalidade e presença que já tem afirmado.

O argumento de «Piedosa Mentira» é contado com bastante habilidade embora com lentidão e servido, quási sempre por boa fotografia, que não sabemos a quem atribuir (as legendas do filme não indicam o nome do operador).

Em complemento de «Piedosa Mentira» vimos e ouvimos «Abertura de Rosamunde», pela Orquestra Sinfónica de Filadélfia, um complemento dos que provam um dos mais extraordinários serviços que o Cinema pode prestar — trazer a Lisboa ou a qualquer parte, uma orqquestra daquela categoria. — F. G.

REGULAMENTO DO

«REFERENDUM» DOS RETRATOS

PARA A GALERIA DE «ANIMATÓGRAFO»

Artigo 1 — Pelo «Animatógrafo» é criado um «referendum» com o fim de averiguar quais são os artistas que os leitores preferem ver publicados nos retratos-brinde.

Artigo 2 — Para êsse fim organiza-se uma «escada» na qual os artistas serão ordenados pelo número de votos que tiverem.

Artigo 3 — A partir da publicação dêste regulamento a votação será contada pelas «senhas de voto» que se publicarão em todos os números do «Animatógrafo» e nas quais os leitores escreverão os nomes dos seus artistas preferidos — um homem e uma mulher.

Artigo 4 — De todo o artista que até às 19 horas da sexta-feira de cada semana ocupar o primeiro «degrau da escada», será publicado o retrato-brinde no «Animatógrafo».

Artigo 5 — A todos os artistas que atinjam as condições do artigo anterior serão anulados todos os votos, recomeçando desde zero a contagem e só voltando a ser publicado um retrato quando novamente atinjam o primeiro degrau da «escada».

Artigo 6.º — Os casos não previstos neste regulamento serão resolvidos pela direcção de «Animatógrafo».

«Animatógrafo» publicará tôdas as semanas os dez primeiros «degraus da escada» para os leitores seguirem melhor a competição. E nada impede que um artista que numa semana apareceu em segundo lugar apareça, na outra, ultrapassado por outro que até aí nem figure entre os dez primeiros, o que, todavia, não será natural.

Até esta altura já na nossa redacção recebemos muitos votos que, apesar de serem em cartas serão contados, pois vieram antes da publicação das senhas. A partir, porém, da publicação destas, só os votos que obedecerem às condições do regulamento serão contados.

Dada a necessidade de juntar um suficiente volume de votos para ser, tanto quanto possível, nítida a situação dos votados, só a partir do n.º 7 começarão a ser publicados os retratos dos artistas eleitos pelo «referendum». Mais uma vez, no entanto, esclarecemos que a partir de hoje só se contam os votos que nos forem enviados nas senhas. *Estas serão publicadas por «Animatógrafo» na margem para que se possam cortar sem a inutilização do Jornal.*

Na primeira publicação da escada também figurará o lugar ocupado até então pelos artistas cujos retratos já tiverem sido publicados, para conhecimento dos leitores. Obedecendo, porém, às condições do «referendum»; os seus votos serão anulados, recomeçando a contagem a partir do próximo número.

E agora votem!

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo» os retratos seguintes:

Actriz:..

"O Correio de Bel-Tenebroso"

Para começarmos a atenuar desde já o atrazo que a acumulação crescente de cartas origina, «Animatógrafo» publica hoje duas páginas de respostas

UM ADMIRADOR DE SILVIA SIDNEY. — *Multiplus* e *Bel-Tenebroso* são duas entidades absolutamente distintas. E a prova é que um assinava a correspondência de «Cinéfilo» e outro a do «Cine-Jornal», muito tempo antes dessas revistas suspenderem a sua publicação. A «Alegre Divorciada» produção da R. K. O.-Rádio Pictures (distribuída em Portugal pela Aliança-Filmes, Ltd.), foi realizada por Marck Sandrich. — Silvia Sidney chamava-se, na realidade, Sophie Kosow. Foi adoptada pelo dr. Sigmund Sidney, de modo que levou para a tela o apelido do seu mentor. — Transmito a *Uma Loira Madeirense* o teu desejo de te carteares com ela.

KALLIKRATES. — «Animatógrafo» agradece-te os teus bons votos. Esperamos que a revista te continue a dar sempre inteira satisfação.

ESUDANTE DE OXFORD. — Compreendo perfeitamente a razão por que me não pudeste escrever no dia de S. Martinho... Estás desculpado, pois... Espero que, agora, me escrevas com regularidade.

?. — Muito gostei de ler a sua carta, e devo dizer-lhe que reconheci a letra a distância. Com que então, a sua amiga *Alentejana dos Olhos Verdes* «morreu»?! Há-de dizer-lhe que chorei uma lágrima verde (era a côr da tinta com que ela me escrevia...) e que no altar das saüdades, em lembrança da sua passagem por êste mundo, depus um raminho de violetas, orvalhadas de bons desejos de felicidade. — A sua carta, sob o «signo» de «Pinocchio», fez-me ciente de que tem aproveitado bem o seu tempo. — «O Monte dos Vendavais» afastava-se muito do romance do mesmo nome. Quando se lê um livro e se vê, depois, que o filme se desvia do curso do mesmo, sofremos sempre uma decepção. E legítima, pois, a impressão que V. teve. Mas creia que a adaptação de Ben Hetch e Charles Mac Arthur se pode considerar modelar. — «Ninotchka» é de facto, um filme magnífico. E a Garbo continua ainda a ser a Divina. Que maravilhosa intérprete.

CAPITÃ FÚRIA. — Obrigado, pelos teus votos. — Greta Garbo nasceu em Estocolmo a 18 de Setembro de 1906. Tem, portanto 34 anos. — Chaplin nasceu em Brixton (Londres) a 16 de Abril de 1889. — O primeiro filme de Gloria Jean será exibido na presente temporada.

UM SANTO, ETC. — Resumi o teu pseudónimo por que é estravagante em demasia. Espero que me apareças sob um nome publicável... Sanado êste pequeno «conflito» entre a tua fantasia e a minha mesa censórica, passo a responder à tua simpática carta. — Tudo indica que o cinema português, cujos progressos técnicos muito bem sublinhas, se oriente noutro sentido mais lato, no que diz respeito aos temas focados. A ver vamos.

RUDOLFO VALENTINO. — Muito grato, pelas tuas boas palavras. Aqui me tens, pronto a responder-te, gostosamesnte. Aguardo, pois, a tua próxima carta.

PINOCCHIO. — Tens razão quando afirmas que o cinema é o melhor espectáculo do nosso século. Considero-o mais do que um espectáculo: uma verdadeira necessidade espiritual! — Espero que, desta vez, tenhamos oportunidade para trocar impressões. Eu estive tentado, noutro dia, a ir aí ao Porto, só para ver a Deanna, de quem ando tão saüdoso. E agora que êle está na «Idade das Ilusões», ainda lhe quero mais, pois é a única altura da sua vida em que se poderá convencer de que eu sou o noivo que na realidade lhe convém... Que bela reportagem para o «Animatógrafo»! Estás a ver o título? «O nosso camarada de redacção Bel-Tenebroso casou-se, ontem, em Hollywood com a vedeta Deanna Durbin». E logo, abaixo, outra notícia: «Dorothy Lamour, despeitada, declarou que espera que se divorciem, para poder realizar o seu sonho»...

SCARLET.—Seja bemvinda, senhora minha! Onde foi buscar o seu pseudónimo? Às páginas do *Gone With The Wind* ou ao herói da Baroneza Orczy?!... — Muito desvanecido, com as suas palavras e com o interêsse que a minha prosa lhe merece. Estou certo de que vamos ser bons amigos. — A minha irreprimível antipatia pelo Nelson Eddy, não me impede que admita que êle tenha entusiásticas admiradoras. De resto, se assim não fôsse êle não seria actor... Não gosto do Nelson Eddy pela mesma razão que detesto a sopa de abóbora. Questão de paladar, e nada mais. No entanto aprecio a sua bela voz, se bem que tenha a sensação de que êle canta dentro dum poço... Com que então V. acha-o o «loiro mais bonito do cinema?»... Estou a vê-la, perante o seu ídolo: «ó loiro, dá cá o pé»... — *Balalaika* e *Rebecca* devem estrear-se dentro em breve. — Posso informá-la de que *O vento a levou* ou *Levada pelo vento* (Gone With The Wind) será apresentado em Portugal, na próxima temporada. Está ansiosa por ver a sua homónima nos braços de Clark Gable, não é verdade?!

UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Apreciei muito a tua carta, impregnada de tão viva e sincera simpatia! Retribuo igualmente os teus bons votos. Já sabia dessa assídua correspondência, e espero que me avises quando fôr o grande acontecimento, pois *Bel-Tenebroso* não quererá deixar de vos enviar uma saüdação muito especial. Cá fico à espera de que cumpras a tua promessa e me dês as tuas notícias amiüdadas vezes. A tinta verde com que me escreves, autoriza-me, aliás, a ter esperança, de que tal suceda.

AURELIO DOS SANTOS NUNES. — Cá recebi a foto com os bons votos que a acompanha. Transmiti-os ao director de *Animatógrafo*. Obrigado. — Ignoro o que se passou com as fotos a que aludes. Creio que devem ter sido tôdas expedidas.

UM POETA CAMARADÃO. — Não fiquei «melindrado» *(que ideia?!...)* com o «caro amigo», que encima a tua carta. Antes pelo contrário: êsse tratamento desvaneceu-me. Espero agora que me escrevas com freqüência, pois «estás apresentados», como se diria em linguagem militar.

UM QUE PERDEU O PSEUDÓNIMO. — Pois é encontrá-lo, meu caro amigo! — Obrigado pelos «incondicionais» parabens, que nos envia. *Animatógrafo* rende-se, sem condições, perante a tua simpatia e amabilidade. — No que diz respeito à minha pessoa, não estejas em cuidado!... «De homem para homem», para me servir da expressão favorita do Mickey Rooney, deixa-me dizer-te que achei graça aos teus conselhos. Que grande mágico!... Tens dores de cotovêlo?... — E espero a tua próxima carta com mais latim e fórmulas algébricas...

FOTOGÉNICA. — Viva! Que é feito de ti! Que prazer em tornar a ler-te. Vejo que fazes evidentes progressos em dactilografia Aparte meia duzia de imperfeições, estás apta a poder concorrer ao lugar de minha secretária... — «Quando te tornar a encontrar no Chiado», dizes tu! Mas estás enganada, com certeza. Se estou em tôda a parte e ninguém me vê, como é possível que me descubras nessa ladeira de tentações, sob a forma de qualquer mortal?! Esqueces-te de que Bel-Tenebroso é como a electricidade, apenas se lhe conhecem os efeitos. Com uma diferença: não há o perigo dos curto-circuitos... — Acredito que *Ninotchka* te haja entusiasmado. Por mim, nunca vi mais deliciosa embriaguês feminina do que a de Garbo, tão gentil, tão delicada, a tal ponto que se compreende perfeitamente que o Melvyn Douglas lhe tenha posto na fronte o diadema de grã-duqueza e haja deixado aos sonhos o encargo de prolongar indefinidamente o extase inconsciente, daquele momento...

BEL, O PIRATA. — Agradeço e retribuo o teu abraço, amigo. Pelo que vejo, a «velha guarda» eborense, não faltou à chamada! Espero, agora, a tua próxima carta.

BENJAMINA. — A-pesar-de com adorável sem cerimónia me chamar «batoteiro» e «intriguista», de dizer que tenho «oomph» e que lhe lembro certa figura de relêvo na política mundial que conjuga com intimativa o verbo «querer», a-pesar-de tudo isso, repito, gostei muito, muito, de ler a sua carta. Como diria uma rapariga de hoje (mesmo sem alma duma Sylvia-Rosalind-Russel-Fowler...) é um «amor» de carta. — Às suas três preguntas respondo, com veemência crescente: não, não... e não! — V. parecia-me a pessoa indicada para escrever o argumento do filme *Men* que fôsse a réplica a *Women*. Mas por mais que procure, mesmo nos píncaros das serranias onde se costuma perder, nunca mais encontrará correspondência masculina, para a Sylvia Fowler... Não se zangue com estas alfinetadas... Sem pretender imiscuir-me no inquérito de *Animatógrafo*, aqui vai a minha opinião: Se as mulheres não fôssem assim, tão curiosas, tão deliciosamente intriguistas *(estou vingado do epiteto semelhante com que V. me mimoseou)* tão inconstantes, tão perigosamente sedutoras, tão belas, tão diferentes e tão semelhantes, pobre da Humanidade e pobres dos homens! O mundo era uma sensaboria. — Quanto aos travões de que me fala, deixe andar... Não há nada mais emocionante, do que deslisar por uma rampa, sobretudo quando não sabemos se os travões obedecem à primeira voz... — Quanto ao tal pseudónimo, vou pensar... — *Benjamina* saúda as cinco leitoras que apareceram nesta secção, no 1.º número de *Animatógrafo*. — Até para a semana.

ARSENE LUPIN. — Bem aparecido sejas, leitor amigo! Muito gôsto em reler-te. Saúdo, em teu nome, conforme pedes, *Mab-Ilia*, *Maria Cotovia*, *Bejamina*, *Uma Garota Sem Importância*, *Uma Loira Madeirense*.—Obrigado pelos teus bons votos. Agora, que estás apresentado, espero as tuas notícias, com a regularidade doutros tempos.

REI... SEM TRONO. — Conheço de tradição o lugar e o cinema que referes. De facto, tens razão... Mas que poderemos nós fazer?! — Escreve a Deanna Durbin, para Universal Studios, Universal City, Califórnia. Se queres ter a certeza de receber a foto, junta ao pedido 15 cêntimos, ou sejam cêrca de quatro escudos, em «coupons» internacionais (qualquer casa bancária te informa sôbre a melhor maneira de remeter o dinheiro). — *Pôrto de Abrigo* está em vias de conclusão. Ainda se não sabe onde será estreado. *O Homem do Ribatejo*, por ora, está na massa dos impossíveis. — Afirma-se que Shirley Temple se retirará da tela. Mas, não creio que *Pássaro Azul* seja, mesmo na fase actual da menina dos caracois, o seu último filme. — Transmito as tuas saüdações a *Miss Baby*, *Esfinge*, *Bob Taylor*, *Raffles* e *Conde Axel de Fersen da Suécia*.

STUART MEDEIROS. — Para que eu te responda, é mister, apenas, que me escrevas. O meu endereço é: *Bel-Tenebroso*, Redacção de *Animatógrafo*, R. do Alecrim, 65, Lisboa. — Estão tomadas tôdas as providências para que as respostas não sofram muito atrazo. De modo que escreve sem receio! Terás resposta. Combinado?

CONDE AXEL DE FERSEN DA SUECIA. — A propósito de *A Dama dos Trópicos*, e da *embirração* que quási todos os homens nutrem pelo Robert Taylor, ouvi da própria bôca da Michèle Morgan esta justificação que, pelo menos em parte, explica essa animosidade: «Vv. não gostam dèle, porque é um homem bonito. Quanto a mim, é justamente o seu físico que mais me encanta». O que me faz supôr que a Bárbara Stanwyck, logo que a Michèle chegue a Hollyood, tenha que montar um serviço de vigilância muito apertado... — Pelo que me contas, não te escapou um único filme na presente temporada. Até fôste ver a *Seita do Círculo Vermelho!* — De facto, se escreveste três páginas de papel de máquina, em letra mais cerrada do que uma coluna alemã, sem ter assunto, o que farias se o tivesses?... Ainda estava a ler a tua prosa, a estas horas...

ESTUDANTE COIMBRÃO. — Maria da Graça tem 17 anos. Podes escrever-lhe por intermédio da nossa revista. — Deanna Durbin interpretou até hoje os seguintes filmes: *Todos os Domingos*, filme em duas partes, com Garland; *Três Raparigas Modernas*, *100 homens e uma rapariga*, *Doida por música*, *A Idade das Ilusões*, *As Três Raparigas Cresceram*, *O primeiro amor de Gata Borralheira*, *Uma date memorável* (It's a date) e *Spring Parade*. — Leitão de Barros pensa regressar à actividade cinematográfica. — Obrigado pelos teus bons votos. E escreve sempre.

RAFFLES. — Cá ficas inscrito na lita dos mais assiduos (espero!) dos meus consulentes. Podes escrever sempre que te apeteça, pois com o maior prazer te atenderei. — Obrigado pelas tuas entusiásticas referências a *Animatógrafo*, ao seu director e a todos os colaboradores.

BOB TAYLOR. — Pelo que me contas, *Animatógrafo* agradou-te sem reservas. Ainda bem. As palavras com que aprecias a minha carta são filhas da tua muita simpatia. Eu, escritor?!... Que ideia. No entanto, estaria disposto a concorrer com o meu correio a um prémio «Soror Mariana» destinado a galardoar as melhores epístolas... — Transmito os teus cumprimentos a *Shirley Aviadora*, *Marias de Portugal*, *Antinea Rainha sem Trono* e *Raffles*.

JUAREZ. — Segundo consta, ou melhor pelo que se depreende de algu-

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

POSTA RESTANTE

BRONNHILDE—Tenho em meu poder uma carta dum leitor para V. Queira fazer o favor de indicar para onde a hei-de remeter.

BENJAMINA — O autor dum livro, publicado recentemente, remeteu-me um exemplar, com uma amável dedicatória para si. Agradeço-lhe que me comunique a forma de o enviar ao seu destino.

«O Correio de "Bel Tenebroso"»

mas notícias vindas a lume em revistas estrangeiras, a Warner fez um filme, de ambiente português, e no qual Jane Bryan aparece vestida à moda do Minho. Não tenho outros pormenores que te possa dar. Mas vou ver se consigo, dentro de algumas semanas, dados positivos sôbre o assunto. — Não tens que me pedir desculpa por escreveres à máquina. Antes pelo contrário. As cartas dactilografadas são mais fáceis de ler.

MARÍLIA. — Muito simpática a tua cartinha. Avalio bem a falta que tenhas sentido com a ausência de revistas portuguesas de cinema. De facto, as publicações brasileiras da especialidade, se bem que interessantes, ficam àquém dos nossos desejos. — Considero Mickey Rooney um dos mais espantosos «casos» do cinema. E' um actor de génio. Na comédia e no drama, impõe-se como um autêntico valor. — Feita, como V. diz, «a sua apresentação» («V. é bonita e apresenta-se bem», para me servir da inspiradíssima letra daquela popularíssima cantiga, sucessora da valsa «Mãe», na perseguição que nos move...), feita a sua apresentação, ia eu dizendo, aguardo agora novas cartas suas.

BOB TAYLOR. — Ficas prevenido de que se me tornas a descrever o Jardim Botânico e os diversos exemplares da flora que ali proliferam, te deixo duas ou três se...anas de castigo, à porta desta secção. — *Raffles* é um filme curioso, muito bem realizado e com uma interpretação muito agradável de David Niven e dessa angelical Olivia de Havilland, que, se não é a bondade em pessoa, imita muito bem... — Com que então, no Balcão de 1.ª ordem do Tivoli, estavam quatro raparigas a ler o *Animatógrafo*?! E uma delas («bem bonita por sinal») era minha consulente?! Mas tu surpreendes-te?! Quando vires, nos cinemas, uma espectadora bonita, e, demais a mais, com o *Animatógrafo* na mão, não necessitas de outra apresentação e limitas-te a dizer: «Eu sou o Bob Taylor *(cautela com as desilusões!...)* e Vv. como se chamam?!...

REI DA SELVA. — O director de *Animatógrafo* agradece o teu «Bem Hajas». De facto, na redacção de *Animatógrafo* figuram os nomes mais representativos da Imprensa cinematográfica portuguesa. — Espero agora que me escrevas mais vezes.

PETRÓNIO. — Não acho o teu pseudónimo nada sensaborão. Petrónio na velha Roma, foi mais do que o «árbitro da elegâncias»: uma pessoa que marcou pelos primores do seu espírito. Não te admires da minha erudição. Reporto-me apenas ao *Quo Vadis!* — *Animatógrafo* publicará, por certo, argumentos romanceados dos filmes. O primeiro filme em *technicolor* que se exibiu em Portugal foi *A Cucaracha*, com Steffi Dunna. — Os mais notáveis filmes de Mickey Rooney são, fora de dúvida, *The Young Tom Edison* (Tom Edison, o pequeno génio), *De Braço Dado*, que veremos esta temporada, *Homens de Amanhã*, a série da *Família Hardy*, *Três Pequenos Gangsters*, etc. Cito êste último, onde à cabeça do elenco figurava Freddie Bartholomew, por que Mickey tinha nele uma espantosa creação. A cena em que, pelo «salto» da luz eléctrica, tem conhecimento do «instante» em que o pai está a ser electrocutado é inesquecível. — Saüdades à rapaziada amiga aí do Pôrto. Se vires aquele leitor que me escrevia com o estranho pseudónimo de *Moeda Falsa*, diz-lhe que cá estou à espera das suas notícias.

CONDE MISTERIOSO. — Fiquei assombrado, com a tua afirmação: «só há uma mulher na Cinelândia por quem seria capaz de me apaixonar: a Judy Garland». De duas uma: ou a paixão é avassaladora e absorvente, ou tu és muito exigente. Do mal, o menos: não tens «l'embaras du choix»... Por mim, se me visse na Cinelândia transformava o meu coração em arranha-céus, com tantas dependências, como o Rádio-City, para ter um cantinho onde albergar esta e um vão de escada, onde albergar aquela. Digo-te mais: poria uma máscara como o «Máscara de Ferro», não só para me livrar de tentações, como ainda e sobretudo para não arranjar um torcicolo: olhar para a esquerda, para ver a Lamour; para a frente, por causa da Lane Turner; para o lado, por via da Crawford, — para cima pelos lindos olhos da Deanna, etc., etc. — Eu também gosto da Judy. Ela tem, na verdade, «it», «sex-appeal», «chien», e outras coisas mais que lhe dão aquele arsinho picante e tímido ao mesmo tempo, que é de voltar o juízo ao mais sisudo. — A foto a que te referes é, na verdade, a de Maria da Graça. Escreve-lhe por intermédio da nossa revista, que ela satisfará o teu desejo oferecendo-te uma foto autografada.

DEANNÓFILO. — Muito simpáticas as palavras que dedicas a *Animatógrafo* e aos seus leitores. Obrigado. — E' certo que os filmes americanos, em regra, são estreados em Inglaterra, antes de Portugal. Mas, é absolutamente lógico que tal aconteça, porque a Inglaterra tem sido até aqui, na Europa, o mais importante mercado do cinema «yankee», não só pela afinidade da língua, como ainda pelo número de cinemas que possue, e, conseqüentemente pelo volume do negócio. Quanto ao Brasil já assim não sucede, dum modo geral, se bem que seja um dos mais vastos e importantes mercados das Américas latinas. Se folheares o último número de *Cinearte* chegado a Lisboa, verás que quási todos os filmes em exibição já passaram cá. *Scarface*, produção de 1932, só agora foi ali apresentada. Há outra circunstância a atender: Quando lá é inverno, é verão na Europa. De modo que êles levam seis meses de avanço, sôbre nós, no que toca à estreia dos filmes, por fôrça das condições climatéricas, que, como tu sabes, tem uma influência decisiva sôbre a qualidade dos programas a exibir... — O Brasil tem ainda a seu favor, entre outras, a vantagem de tôdas as firmas americanas fazerem a sua distribuição directa, o que em Portugal não acontece. Assim, por exemplo, só agora, devido aos bons esforços da S. I. F., estamos a começar a ver com regularidade a excelente produção da Warner. — Quanto aos dados biográficos da Linda *(nunca um nome foi tão bem pôsto!...)* Darnell: Tem 1 6anos e cinco irmãos. Desde pequena foi uma apaixonada pela Arte de Representar. Em Dallas, no Texas, onde nasceu, fez parte do grupo dramático das Cathedral Players de Dallas. Mac Cleveland Barclay escolheu-a para modêlo do cartaz da feira de Dallas. Tentou entrar para o cinema, sem resultado. Depois fizeram-lhe um «test», que durou 12 horas. Acabaram por lhe reconhecer talento. Após um pequeno papel em *Hotel das Mulheres* que a lançou, foi *leading-lady* de Tyrone Power em *Telhados de Vidro* e vedeta da *Estrêla Luminosa*.

TONY. — Porque é que V. há-de escrever em inglês às estrêlas americanas, se escrevendo na nossa língua é igualmente atendido?! No entanto, se preferir escrever-lhes em inglês, diga, que lhe enviarei o rascunho. Em qualquer caso, ponha sempre, no final da carta, de forma bem visível, a sua direcção. — Quanto ao que me pregunta, sôbre o envio de dinheiro, não sei bem o que hei-de responder-lhe, tanto mais que não cito o nome da vedeta de quem V. quer solicitar a foto autografada. Há estrêlas, que enviam o retrato sem mais complicações. Outras exigem a remessa de determinadas quantias, para satisfazerem o pedido dos seus admiradores. — Para seres actor, num filme, nacional, não necessitas de ter habilitações literárias, em determinado grau. Isto é: não te exigem o 7.º ano de Liceu ou o exame de instrução primária... Pedem-te apenas aquilo a que habitualmente se chama «geito». Se na realidade sentes que o tens, quando souberes que há um filme na forja aparece ao realizador a dizer: «aqui estou». Põe os olhos na Madalena Sotto, que há pouco mais de dois anos me escrevia, de Oliveira de Azemeis, com o pseudónimo de *Betty Blond* a dizer-me da sua vontade de entrar para o cinema, e que hoje triunfou, mais no Teatro do que no Cinema, como aliás ela preferia. Se tens qualidades para a tela, não desanimes. A tua hora chegará um dia.

CINÉFILO TIRSENSE. — Com que então, a tua impressão de *Animatógrafo* resume-se numa palavra: *admirável!?* Óptimo! Agradecemos-te a propaganda que tens feito da revista. — A parceira de Charlot em *Luzes da Cidade*, foi Virginia Cherril. — Não te posso dizer se há outros correspondentes aí em Santo Tirso. Segrêdo profissional. — Verás, dentro em breve, a *tua*, ou melhor, a *nossa* Deanna Durbin, nas páginas do *Animatógrafo*.

I LOVE YOU, HELEN. — Feliz pequena! Uma confissão pública desta ordem! Que maior prova exigirá ela de ti!?... — Transmito ao Director de *Animatógrafo* as tuas congratulações pela sua obra. — Claro que podes escrever-me, sempre que quiseres.

Bel-Tenebroso

ÚLTIMA HORA

«Animatógrafo» publica as primeiras fotografias de MICHÈLE MORGAN TIRADAS EM HOLLYWOOD



Michèle Morgan, contratada pela R. K. O. — Rádio Filmes, chegou a Hollywood depois de ter passado por Lisboa. Aí encontrou Signe Hasso, uma actriz sueca que conhecera quando filmou, na Suécia, «La Loi du Nord», de Jacques Feyder, e que por feliz acaso se encontra também contratada por aquela emprêsa.



Voltou-se o feitiço contra o feiticeiro. Michèle Morgan, habituada aos caçadores de autógrafos, fez também de cinéfila quando, pela primeira vez em Hollywood, foi a um cinema. Pediu um autógrafo a Jack Oakie, que aqui se vê acompanhado da mulher, no meio duma multidão de mirones.

ÊLES & ELAS







MICHÈLE MORGAN

Portugal está na base da carreira cinematográfica de Michèle Morgan, uma das mais extraordinárias personalidades do cinema de França, a quem os jornais do seu país chamavam «notre Michèle nationale» — uma designação que dispensa comentários.

Foi de facto um português, que é ao mesmo tempo uma das mais consideradas figuras do cinema francês — o produtor A. de Aguiar — que lhe deu a primeira oportunidade e lhe facilitou os primeiros passos no país de sonho que é um estúdio, fazendo-a figurar no celebrado «Miudo». Michèle era uma das alunas do pensionato que faziam Lucien Baroux em fel e vinagre, uma das muitas «mäizinhas» do «mioche» azougado e gorducho.

Mas não fica por aqui a influência preciosa do «Miudo» na carreira de Michèle Morgan, pois foi a «script girl» daquele filme, a simpática Jeanne Vita, que um ano depois sugeriu a Marc Allegret escolher Michèle Morgan para «partenaire» de Raimu em «Gribouille». O êxito de Michèle em «Gribouille» foi total, esmagador. Era a primeira vez que, nos últimos vinte anos, aparecia no cinema francês alguem diferente — verdadeiramente jovem, de vincada personalidade, de talento indubitável, autenticamente cinematográfico. Era a primeira vez que o cinema francês se libertava da influência teatral que, desde o famigerado Film d'Art de 1908, sôbre êle tinha sido inexoràvelmente exercida!

«Gribouille» é o ponto de partida duma carreira excepcional, de que são «étapes» assinaláveis «Veneno», «Quai des Brumes», «La Dame de Cœur», «La Loi du Nord», «Les Musiciens du Ciel» e «Dama de Copas», (L'Entraineuse) que a Lisboa Filme estreou há pouco em Lisboa. E vai apresentá-la agora em «Longe do Mundo» (Le Récif de Corail). Um magnífico contrato americano acaba de coroar uma carreira excepcional a que um português deu origem.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ÓSCAR DE LEMOS E VIRGÍNIA SOLER, numa cena pitoresca de «Pôrto de Abrigo», de Lisboa-Filme

ÊSTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: ALICE FAYE E SPENCER TRACY